

Título: Formação de Professores - Histórias  
de vidas

Autor: Senia Cristina Santana

Data: 2002

(Monografia)



**SONIA CRISTINA SANT' ANNA**

## **Formação de Professores - Histórias de Vida**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
2002**

**SONIA CRISTINA SANT' ANNA**

## **Formação de Professores – Histórias de Vida**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Fundamentos Educativos para Formação dos Profissionais para a Educação Básica.

**Orientadora:**

**Prof<sup>a</sup>. Maria Luiza Pereira Angelim**

**BRASÍLIA  
SETEMBRO/2002**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, companheiro de todas as horas, ao Senhor Setenaves, ao Crispim e Maria.

Aos amigos: Mano , Wilcéa e Enri pelas trocas e apoio.

Ao Hugo por toda a participação e ajuda quanto à tecnologia.

As professoras que, gentilmente, participaram da pesquisa contribuindo com suas “histórias de vida”.

Em especial, à professora Maria Luiza Pereira Angelim, orientadora, e que contribuiu enormemente com sua compreensão, opiniões e apoio para a realização desta monografia.

## SUMÁRIO

|                                                                                                     |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                                                                     | 5  |
| 1. Referencial Teórico.....                                                                         | 8  |
| 1.1. O patamar da evolução consciente.....                                                          | 8  |
| 1.2. Os quatro pilares da educação para o século XXI.....                                           | 13 |
| 1.3. “Histórias de vida” e interdisciplinaridade.....                                               | 14 |
| 1.4. Disciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e<br>transdisciplinaridade..... | 18 |
| 2. Referencia Metodológico.....                                                                     | 20 |
| 2.1. Caminhos percorridos.....                                                                      | 20 |
| 2.2. Abordagem biográfica enquanto metodologia específica.....                                      | 20 |
| 2.3. A pesquisa participante e a definição do objeto.....                                           | 22 |
| 2.4. Perguntas relevantes à análise de porta-fólios.....                                            | 24 |
| 3. Coleta de Dados e Análise dos Resultados.....                                                    | 25 |
| 3.1. Coleta de dados e análise da “história de vida” de Mara.....                                   | 25 |
| 3.2. Análise do relatório de Mara.....                                                              | 35 |
| 3.3. Coleta de dados e análise da “história de vida” de Lia.....                                    | 35 |
| 3.4. Análise do relatório de Lia.....                                                               | 45 |
| Considerações.....                                                                                  | 46 |
| Bibliografia.....                                                                                   | 49 |
| Anexos.....                                                                                         | 50 |

## INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo tema Formação de Professores – Histórias de Vida, surgiu ao trabalhar com professores há cerca de doze anos, na coordenação da escola, direção, Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação e atualmente na mediação do curso de Pedagogia para Professores em Início de Escolarização - PIE. Ao desenvolver meu trabalho com professores comecei a perceber o que encontrei formulado por Nóvoa (2000 p. 15), “o mais importante é a pessoa; e uma parte da pessoa é o professor”, sendo assim, não é possível separar o eu profissional do eu pessoal, principalmente numa profissão impregnada de valores e ideais e que exige muito do empenho na relação humana. Essa posição não era sequer cogitada, restringindo-se ao desempenho do professor como único valor a ser considerado.

O que se apresenta aqui é a tentativa de mostrar como as idéias da formação de professores podem ser pensadas a partir do uso de “histórias de vida” ou de “autobiografia” como procedimento de formação. Essa necessidade se faz presente pelas constatações das dificuldades enfrentadas pelas leituras de textos determinados em módulos do curso, da produção de textos e de reflexões, que foi constituindo uma interpretação das questões relativas ao PIE, em que fica evidenciada a relevância da dimensão pessoal e subjetiva do aprendizado, do aprofundamento e, principalmente, das reflexões apresentadas dos temas em questão e analisados pelos alunos do curso.

A abordagem autobiográfica gera a possibilidade de inserção individual, dada pela ênfase à singularidade, elemento vital para a valorização da experiência pessoal e da subjetividade como âncora da tarefa sócio – educacional.

A necessidade de analisar a própria noção de saber, que permeia o ensinar e que impõe interrogações a respeito de como: aprender, estudar, transmitir, entre outras. Essas questões já receberam numerosas respostas, entretanto, é indispensável refletir no modo individual de conceber o ensino, bem como no saber que se extrai das próprias experiências e nas formas de significar que são produzidas na vida escolar, daí a necessidade de estar atento a essas dimensões no processo de formação.

### Principais características do curso PIE:

PIE, é o curso de Pedagogia para Professores em Início de Escolarização, oferecido pela Universidade de Brasília aos professores em exercício nas séries iniciais da rede pública de ensino do Distrito Federal e em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Distrito Federal.

O curso objetiva a formação dos profissionais (professores alunos), numa perspectiva dialética e tem como princípio a pesquisa como meio de desenvolvimento continuado, garantindo a articulação teoria e prática.

A organização curricular é composta por um Eixo Transversal (Educação, Cidadania e Letramento), por Eixos Integradores (cada módulo tem o seu) e por Áreas / Dimensões Formadoras, que são três: Organização do Trabalho Pedagógico, Organização do Processo Educativo e Organização do Processo Social. O curso sustenta-se numa perspectiva não disciplinar.

O Eixo Transversal do PIE – Educação, Cidadania e Letramento – representa a tentativa de reconhecer a totalidade do ser humano e o entendimento de que a vida é uma dinâmica em permanente construção, perpassada pelo trabalho escolar entre outros.

O letramento é tomado, tanto no sentido estrito quanto no sentido lato. Nesta última instância, é entendido como o acervo de conhecimento produzido, transmitido e acumulado por meio da escrita na sociedade e de seu impacto sobre ela, incluindo aí o desenvolvimento social que acompanhou a expansão dos usos da escrita desde o Século XVI. Kleiman (1995:19) o define como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos para objetivos específicos.

No sentido estrito, refere-se ao conjunto de estratégias na redação e leitura de gêneros textuais variados, especificamente os empregados na produção e divulgação do conhecimento acadêmico. Dessa forma insere-se o porta-fólio como espaço democrático de avaliação.

### Objetivos relevantes ao trabalho:

- Analisar se há influência da “história de vida” das professoras pesquisadas numa abordagem “autobiográfica” na produção do porta – fólio.

- Investigar se as atividades conduzem a posturas interdisciplinares.

- Pesquisar até que ponto a “história de vida” influencia a práxis pedagógica das professoras através das reflexões apresentadas nos porta – fólhos.

Os principais tópicos desta monografia foram desenvolvidos da seguinte forma:

Capítulo 1 – revisão de literatura, onde serão tratados aspectos da origem do universo relacionados com a evolução consciente do ser, expansão da consciência, interdisciplinaridade com o olhar da transdisciplinaridade e “histórias de vida”, todos esses aspectos inter relacionados à singularidade do ser, ao conhecimento e às relações da vida.

Capítulo 2 – descreve a metodologia utilizada na pesquisa, neste caso, de caráter qualitativo. É explicitada a “autobiografia” ou “história de vida” e a análise das atividades reflexivas incluídas nos porta – fólhos e que foram o campo delimitador do trabalho; acrescentando-se as reflexões das participantes da pesquisa após a leitura e análise das mesmas.

Capítulo 3 – são apresentados os relatos das “histórias de vida” das duas professoras analisadas, Mara e Lia (nomes fictícios) e resumidos com base no original do memorial descritivo. Nessa pesquisa o instrumento utilizado foi o porta – fólio construído ao longo dos dois semestres letivos. Apenas as atividades relevantes à pesquisa foram analisadas, tendo como base o referencial teórico.

Nas considerações, são apresentadas de forma breve as conclusões parciais do desenvolvimento da pesquisa, bem como das possibilidades e limites da mesma.



## 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

Ao perceber, progressivamente, a importância de não separar o eu pessoal do eu profissional do professor, encontrei nos estudos sobre “histórias de vidas” no processo de formação, um desafio à compreensão da vida como evolução criativa consciente com significativa influência nos quatro pilares da educação para o século XXI, propostos pela UNESCO em 1996, numa abordagem interdisciplinar e transdisciplinar.

### 1.1- Vida - O patamar da evolução criativa consciente

Falar da origem do universo é lembrar do grande fogo silencioso do início dos tempos. Havia um grande fogo que tomava conta de todo o universo – era o próprio universo. Cada parte do cosmos era um ponto de explosão luminosa “e todas as partículas do universo agitavam-se em extremos de calor e pressão, tudo que vemos ao nosso redor; tudo que hoje existe estava ali, no início, naquela enorme e abrasadora explosão de luz”, é o que nos diz Swimme (1984, p. 21).

Tudo o que existe no universo teve uma origem comum. “Este universo é um único e multiforme desdobramento energético de matéria, mente, inteligência e vida. E tudo isso é novo” (Idem, p.22). Nosso futuro será construído no interior dessa nova história de mundo. O universo criou tudo o que podemos ver e constatar. “A jornada do cosmos depende das criaturas e dos elementos que existem hoje, entre os quais você” (Idem, p.22).

Nunca seremos capazes de apreender o universo através da linguagem, pois a nossa linguagem é limitada, o universo é uma singularidade. Não podemos comparar o universo com nenhuma outra coisa.

Para o desdobramento do universo, a criatividade humana é tão essencial quanto a criatividade da bola de fogo. “Para aprender acerca da criatividade, temos que começar a compreender a criatividade da Terra” (Idem, p.23). Não temos conhecimento de nenhum planeta com o poder criativo da Terra. A Terra criou imensas extensões territoriais, cadeias de montanhas, oceanos, a atmosfera... Os outros planetas não têm o mesmo poder criativo. A Lua e Mercúrio criaram cadeias de montanhas, porém sua criatividade esgotou-se aí.

A criatividade da Terra prosseguiu até que as flores desabrocharam em cada continente, até que a visão das flores e toda beleza pudessem ser sentidas e apreciadas. Nós, seres humanos, somos a mais recente e extraordinária manifestação de criatividade.

Cada uma das três eras da humanidade teve sua visão única de beleza.

1- Período tribal – xamanístico: “os grandes mistérios da Terra, do Sol e do céu irromperam na consciência humana” (Idem, p.26).

2- História humana: o período das grandes civilizações clássicas, do Oriente Médio e ameríndia... Possibilizaram que os seres humanos se especializassem em suas tarefas, nessa época, “foram redigidas as grandes escrituras do mundo e criaram-se as disciplinas espirituais clássicas” (Idem, p.27). Desenvolveu-se a apreciação do mundo humano.

3- Era científico – tecnológica: é a etapa do desenvolvimento da humanidade. Discernimos empiricamente a dinâmica que governa a Terra e o cosmos.

O poder de alterar a dinâmica da Terra por intermédio de invenções tecnológicas foi alcançado. A imensidão do tempo e do espaço tornou-se inteligível à compreensão humana, e mesmo as origens do universo abriram-se para a compreensão individual, auto - reflexiva. O período científico tecnológico possibilitou que a dinâmica do universo se desdobrasse na consciência humana (Idem, p.27).

Atualmente a espécie humana ingressa na quarta era, poderíamos chamar de “era da Terra. Isso não significa que a ciência e a tecnologia desapareçam” (Idem, p. 27). O centro será a “comunidade da Terra como um todo, comunidade que será vista como nosso lar, o útero de criatividade e vida. A Terra está despertando para sua própria beleza” (Idem, p. 27). A terra desperta através da mente auto – reflexiva que se encontra em expansão por toda humanidade.

“A ciência e a tecnologia surgiram para ajudar o desdobramento do planeta, para ampliar o tecido da realidade da terra em sua totalidade e não simplesmente para nos servir” (Idem, p. 28), fomos gerados para enriquecer o “planeta como um todo, com nossa ciência, com a tecnologia e tudo o mais” (Idem, p. 28).

Está sendo criada uma “cosmologia que abrange a humanidade enquanto espécie” (Idem, p. 31), que não despreza as notáveis contribuições culturais de cada continente, mas,

que acentua essas diferenças. “Toda tradição é vital para o trabalho do futuro e esta florescerá de modo inexprimível, numa fecunda integração com as outras” (Idem, p. 31).

Nos primeiros séculos do período moderno isso era impossível. “Havia um antagonismo entre os meios modernos de conhecimento e os modos de vida e de crença tradicionais” (Idem, p. 32).

O recente reconhecimento de que o universo e a Terra podem ser considerados entidades vivas, a consciência de que o indivíduo humano não é uma entidade isolada dentro do mundo, mas sim a presença culminante de um processo de milhões de anos.

Passamos por um período de mudanças, nunca em tempo algum, houve tantas possibilidades e também, nunca, estivemos em tanto risco. “As mudanças estão acontecendo em ritmo acelerado, cálculos que levavam dezenas de anos estão sendo realizados em minutos” (Russell, Vídeo: O buraco branco no tempo), as comunicações que gastavam muito tempo, podem acontecer em segundos. “este fenômeno é um padrão que tem percorrido toda a história da humanidade. A evolução da cultura humana continua a acelerar. Estamos indo rápido” (Idem).

O conhecimento se alargou e exploramos o universo de diversas formas, “através desse conhecimento a nossa consciência se expandiu para domínios completamente novos, nós não apenas vemos, ouvimos e percebemos o mundo, nós podemos começar a compreender como ele funciona” (Idem). O ser humano é a criatura mais criativa que esse planeta já viu. Porém, tanta criatividade tem gerado alguns efeitos colaterais indesejados: explosão populacional, desmatamento e poluição, entre outros. “Atualmente consumimos em um ano o que anteriormente o mundo teria consumido em 3.500 anos. Todo esse consumo produz um grande desperdício e a poluição está se acumulando no ambiente” (Idem).

O desejo de elevar a qualidade de vida gerou uma situação em que a própria existência encontra-se em risco. “A fonte de todo esse problema está em nossos pensamentos, nas atitudes e valores... Acreditamos que estar em paz internamente depende do que temos ou fazemos do mundo ao nosso redor. Esse apego às coisas materiais está por trás de muitos de nossos problemas atuais, por isso consumimos mais do que necessitamos” (Idem).

Tememos que as coisas possam não acontecer conforme idealizamos e esse medo nos força a gastar mais tempo “pensando sobre o futuro, sendo assim, não damos atenção ao momento presente, perdemos a experiência do agora e esta preocupação destrói nossos relacionamentos” (Idem).

A humanidade enfrenta uma “crise de consciência, onde o interesse pessoal e o pensamento estão de alguma forma meio despertos” (Idem). A nossa compreensão do mundo deu saltos enormes, porém, no que diz respeito à autocompreensão, estamos ainda “adormecidos, conhecemos pouco como pensamos, a maioria de nós não está completamente consciente dos sentimentos, sabemos pouco de como nossas atitudes afetam a percepção e o nosso ser interior continua misterioso”. O próximo passo da evolução é, exatamente, o da evolução da consciência e como saltos anteriores da evolução, este poderia acontecer muito mais “rapidamente que saltos anteriores” (Idem). A linguagem e o surgimento das ferramentas apareceram há aproximadamente 50 mil anos, a Renascença e a Revolução Industrial, há 500 anos e a revolução da informática há 50 anos. É possível que a próxima fase do nosso desenvolvimento, a revolução da consciência, ocorra muito mais rápido, esse desenvolvimento não solicita mudança do mundo externo e sim mudanças da nossa percepção do mundo. A mudança de percepção pode acontecer muito rapidamente e o ritmo de desenvolvimento interior seria ainda mais acelerado, poderíamos nos perceber “expirando na direção de um momento de transformação incrivelmente rápido, um momento no qual a luz do conhecimento interior irradia através do planeta, uma supernova da conscientização” (Idem).

E quem disse que isso não seria possível? Esta é uma presunção corajosa como nos afirma Teilhard de Chardin citado no Vídeo O Buraco Branco no Tempo (Russell), conforme transcrito: “...a culminância da evolução humana, um momento no qual devemos colher e utilizar as energias do amor e vir a conhecer a essência da criação”. Para darmos esse grande salto, é necessário “libertar nossa mente de atitudes e crenças ultrapassadas, nos libertar dos vícios materiais, sermos menos autocentrados no pensar, nos desfazer dos medos e da preocupação desnecessárias, ficar mais em paz consigo, aprender a estar mais no presente, amar as pessoas e encontrar a paz que ultrapassa toda compreensão. Os ensinamentos espirituais têm essa meta: nos ajudar a descobrir a verdadeira natureza do nosso ser” (Idem).

“Podemos estar no climax de um portal evolutivo muito mais profundo do que a maioria de nós jamais ousou imaginar”, só o tempo dirá se a humanidade dará esse salto (Idem).

Iniciamos um novo milênio reconhecendo que nos defrontamos com um universo cultural extremamente rico e complexo, no qual somos incapazes de compreendê-lo na sua totalidade. Bombardeiam-nos o tempo todo com novas informações e com necessidades de consumo que às vezes nem temos, mas, somos levados, contagiados pela necessidade que o mercado nos impõe.

Grandes mudanças nos atingem, seja na área econômica, política, ambiental, tecnológica, genética, etc. Passamos por um período de profundas transformações que afetam as várias dimensões de nossas vidas, inclusive nos aspectos: material, moral, espiritual, emocional e intelectual, refletindo diretamente no campo profissional. Tais mudanças nos dizem respeito e muitas vezes fazemos de conta que essa é uma realidade distante de nós mesmos.

Todo esse processo exige um novo olhar, olhar esse de nova realidade, de uma leitura e releitura de um mundo sem fronteiras, inacabado e, sobretudo, em processo de construção e do qual há a necessidade de tomada de consciência de que somos participantes dele e não meros espectadores, precisamos entender minimamente a realidade que nos cerca e da qual fazemos parte integrante como cidadãos.

As mudanças nos atingem diretamente e os “velhos” instrumentos já não são capazes de responder a toda complexidade do dia-a-dia. Esse processo exige um novo enfoque ligado à produção e reconstrução do conhecimento para que possamos realmente ser integrados pela nossa sociedade.

A mudança e a transformação social possuem uma enorme dimensão em nossas vidas. Hoje, exige-se das pessoas capacidades múltiplas em suas profissões, que dêem conta das várias áreas do conhecimento, que sejam criativas, com espírito de grupo, com conhecimentos tecnológicos, de línguas estrangeiras, com capacidade de reinventar o já inventado e abertas às reciclagens que o mundo do trabalho impõe. Como formar cidadãos tão completos se o sistema educacional cada vez mais forma os especialistas? Como exigir de pessoas “normais” toda essa capacitação?

Diante desses desafios um dos caminhos possíveis é o exercício da interdisciplinaridade e por que não o da transdisciplinaridade?

## 1.2- Os quatro pilares da educação para o século XXI

As grandes mudanças anteriormente referidas atingem com profundidade o campo educacional, como revela o Relatório de 1996 da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, da UNESCO, coordenado pelo francês Jacques Delors, publicado sob o título: Educação. Um Tesouro a Descobrir. Este relatório foi acolhido com entusiasmo pela comunidade educacional brasileira e passou a integrar o eixo norteador da política educacional, ao recomendar aprendizagens indispensáveis que devem ser perseguidas de forma permanente pela política educacional de todos os países, formuladas como os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser:

***Aprender a conhecer*** – esta aprendizagem visa o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento, que pode ser considerada como um meio e uma finalidade da vida humana. Meio porque pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o cerca na medida das suas necessidades, para viver com dignidade e desenvolver suas capacidades. Finalidade, porque é baseada no prazer de compreender, conhecer e descobrir. O conhecimento gera uma melhor compreensão de mundo, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e a compreensão, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir.

Aprender para conhecer supõe, antes de tudo, aprender a aprender, exercitando atenção, memória e pensamento, ligado diretamente ao conceito de educação ao longo de toda a vida.

***Aprender a fazer*** – esta aprendizagem está mais ligada à questão da formação profissional: como levar o aluno a por em prática seus conhecimentos, porém, não se limita nisto, é uma competência ampla, que prepara o indivíduo para enfrentar diversas situações da vida, muitas imprevisíveis, e que facilitem o trabalho em equipe.

***Aprender a viver juntos*** – esta aprendizagem representa um dos grandes desafios da educação, “...desenvolvendo o conhecimento acerca dos outros, da sua história, tradições e espiritualidade” (Delors: 1996, p.18) e, a partir desses conhecimentos, criar um espírito novo,

percebendo as nossas interdependências, gerando a realização de projetos comuns, de uma gestão inteligente e apaziguadora.

A descoberta do outro passa necessariamente pela descoberta de si mesmo. Desenvolver essa atitude na escola é extremamente útil para o comportamento ao longo da vida. Trabalhar em grupo desde a infância, aprender a dar, a receber, a compartilhar é e deve ser um referencial em nossas escolas.

*Aprender a ser* – “A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade” (Idem, p. 85).

Todo ser humano deve ser educado para pensar com autonomia e crítica, formar seus juízos de valor, de modo a decidir por si mesmo e da melhor forma de agir nas diversas circunstâncias da vida.

Num mundo em mudanças, onde um dos principais motores parece ser a inovação social e econômica, deve ser dada ênfase a duas qualidades essenciais do ser humano: criatividade e imaginação.

Esta aprendizagem tem por objetivo o desenvolvimento completo do ser humano, que se desenrola desde o nascimento até a morte, é um processo dialético, que começa pelo conhecimento de si mesmo e se abre para a relação com o outro. A educação nesse sentido é uma viagem interior.

Nicolescu diz que: “... há uma transrelação que liga os quatro pilares do novo sistema de educação e que tem sua origem em nossa própria constituição como seres humanos. Uma educação que se dirige à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um de seus componentes” (2001, p.11).

Estas quatro vias do saber constituem apenas uma, pois, existem entre elas, múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de troca.

### **1.3- “Histórias de vida” e interdisciplinaridade**

As abordagens das “histórias de vida” têm suscitado a importância da subjetividade para o conhecimento científico dos fenômenos educativos, tais abordagens se

constituem como marco de referência para a renovação de novas formas de pensar a atividade docente.

Nóvoa nos diz que:

Na verdade, os professores estão sujeitos, desde o final dos anos oitenta, a pressões de dia para dia mais sufocantes. Para além daqueles que estão inscritos na própria matriz da profissão, e que relevam fundamentos dos aspectos relacionais, os professores têm visto crescer à sua volta uma série de outras pressões, que introduzem elementos de grande tensão na vida de cada um. Às razões científicas, juntam-se assim outras pertinências que dão um sentido acrescido ao desenvolvimento de modalidades de investigação e de forma que cruzam as dimensões pessoais e profissionais. (2000, p.8).

Há várias razões que contribuem para intensificar as fontes de tensão na vida dos professores: intensificação do trabalho cotidiano nas escolas; controle de avaliação dos professores; reforma do sistema educativo e dos currículos e de novas modalidades de avaliação dos alunos; de novas formas de gestão escolar e mudança no modo de relacionamento com os pais e as comunidades, necessidade de formação contínua e de produção de textos, sem contar que os professores sistematicamente são responsabilizados pelo fracasso educacional. Todas essas pressões institucionais acentuam a tensão sobre os professores. Além dos fatores apontados, temos outros tantos de suma relevância: a desvalorização da sociedade quanto à profissão, o nível das remunerações e as críticas quanto à situação do ensino.

As abordagens (auto)biográficas podem ajudar a compreender e a delinear novas práticas de profissionalização, baseada em investigação, ação e formação, considerando-se a integralidade do ser humano que é o professor.

Hoje sabemos que não é possível separar o eu profissional do eu pessoal, principalmente numa profissão impregnada de valores e ideais e que exige muito do empenho do ponto de vista da relação humana.

Segundo Nóvoa “a ação e o saber dos professores são dois pontos que orientam a reflexão”. (2000, p.13). Dessa forma, fica clara a necessidade de um novo enfoque na formação do professor, levando-se em conta os ritmos e os tempos próprios.

Não é possível que se reduza a vida escolar a dimensões estritamente racionais, a relação é um valor essencial no cotidiano escolar e na vida de um modo geral.



Nóvoa nos fala do processo identitário dos professores e nos leva a refletir sobre os três AAA que os sustentam: Adesão, Ação e Autoconsciência. Adesão a princípios e valores, Ação na escolha das melhores maneiras de agir e Autoconsciência no processo de reflexão sobre sua própria ação.

“A identidade não é um ato adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (idem, p. 16).

Nesse contexto, a interdisciplinaridade apresenta-se antes de tudo como uma atitude, um estado de espírito que visa contagiar e influencia o educador a interligar as diversas áreas do conhecimento às relações estabelecidas socialmente, em um processo de construção, de troca e de diálogo, também favorece a compreensão de uma concepção diferente de ser humano no mundo.

Passamos por um período de perplexidades, dúvidas e ansiedades diante das mudanças radicais que nos assolam, mudanças essas que passam por nossas representações, a respeito de nós mesmos, do mundo e da realidade que nos impõem.

Se por um lado temos consciência de que a mudança em um segmento repercute e altera os demais segmentos da sociedade, vemo-nos diante de um dualismo sem precedentes. É a questão da subjetividade e do sujeito e das representações em nossas vidas, da necessidade de resgatar e valorizar o sujeito que somos com a nossa história.

É de fundamental importância considerarmos o professor enquanto pessoa, com um saber próprio, com uma “história de vida”, que tem formas de ver o mundo e de desenvolver suas aulas e quando lhe é recomendado o desenvolvimento de um exercício de “reflexão na ação e sobre a ação”, ao desempenhar seus papéis, seguramente se entende que o outro não é o pano de fundo e nem de frente de seus trabalhos, senão o da consideração interdisciplinar do sujeito na educação.

Nóvoa tece as seguintes considerações:

Houve um tempo em que a possibilidade de estudar o ensino, para além da subjetividade do professor, foi considerada um sucesso científico e um passo essencial em direção a uma ciência objetiva da educação. Mas as utopias racionalistas não conseguiram pôr entre parêntesis a especificidade irredutível da ação do professor, numa óbvia relação com as suas características

pessoais e com suas vivências profissionais. Como escreve Jennifer Nias: “O professor e a pessoa: e uma parte importante da pessoa e o professor” (ibidem, p. 9)

A interdisciplinaridade consiste em superar a visão fragmentada e dicotômica do mundo, de nós mesmos e da realidade, sem desconsiderar percepção, emoção, mente e intuição e sem que se anule a identidade das disciplinas.

Diante dessa complexidade há uma necessidade crescente de formar cidadãos que proponham novas soluções de problemas através da reorganização do saber e novos estudos que extrapolem a rigidez disciplinar e que estabeleça elos com a nossa realidade.

Quando se coloca que a intenção é a superação da dicotomia entre teoria e prática, o desafio é o de questionar o conhecimento existente, a forma de lidar com ele e de sua relação com a vida fora do contexto escolar, de maneira natural, já que não se trata de o professor artificialmente fazer essa relação, mas sim fazer cada aluno pensar sobre ela. A verdadeira efetivação da interdisciplinaridade está no desenvolvimento da criação e da imaginação.

Muitas vezes a prática pedagógica distancia o aluno de seus colegas e ambos do conhecimento, sabemos que a construção do conhecimento se faz através das relações e muitas vezes o que é estudado não se faz presente na realidade pura e simples da vida, a fragmentação do saber não propicia essa relação e a mesma criança que assiste a uma aula teórica sobre o corpo não é capaz de cuidar e respeitar o seu próprio corpo e nem o dos colegas.

A partir das relações, que possibilitam ou não a abertura de fronteiras, de zonas de inserção e que aproximam, mas discriminam, surgem as relações dialéticas. É possível do encontro do consciente com o inconsciente, da emoção com a razão, o indivíduo com sua totalidade seja recuperada e possa perceber a totalidade em si e no outro, captar a totalidade do Universo e sua interação com a sociedade.

Desse novo tipo de encontro é possível que surja um novo tipo de aprendizagem. Uma aprendizagem acolhedora que penetre respeitosamente no mundo do professor e do aluno. Ao ser resgatado na sua totalidade, pelo olhar e pela escuta, ambos terão vivenciado um novo espaço de aprendizagem que poderá ser reconstruído em sala de aula.

Esta proposta implica no envolvimento do ato de ensinar e aprender com o de viver. E quando a vida envolve a escola e “derruba seus muros”, as barreiras caem, possibilitando a interação a partir de suas diferenças e concedem encontro das respostas para as perguntas que emergem da vida viva. Aponta para o diálogo com as diversas formas do conhecimento e, entre eles, o suceder diário das relações e da vida.

#### **1.4- Disciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.**

Segundo Nicolescu (2000, p.14) “A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo”. O objeto é enriquecido pelo cruzamento das várias disciplinas. A pluridisciplinaridade contribui com algo a mais à disciplina, porém, esse algo está a serviço apenas da disciplina em questão, “sua finalidade continua inscrita na estrutura da pesquisa disciplinar” (Idem, p. 15).

“A interdisciplinaridade tem uma ambição diferente da pluridisciplinaridade. Ela diz respeito à transferência de métodos de uma pesquisa para outra” (Idem, p. 15). Podemos distinguir três graus de interdisciplinaridade: a) grau de aplicação; b) grau epistemológico; c) grau de geração de novas disciplinas. Esta também ultrapassa as disciplinas, porém, sua finalidade permanece na pesquisa disciplinar.

“A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e para além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para a qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (Idem, p. 15).

As pesquisas disciplinares e transdisciplinares são complementares. Podemos distinguir a pesquisa disciplinar da transdisciplinar, mesmo havendo a complementaridade entre ambas. A primeira diz respeito no máximo a um nível de realidade, normalmente só diz respeito à fragmentação. A segunda é gerada pela ação de vários níveis de realidade ao mesmo tempo. Essa dinâmica passa necessariamente pelo conhecimento disciplinar. A transdisciplinaridade alimenta-se da pesquisa disciplinar, que por sua vez é iluminada pela transdisciplinaridade.

Nicolescu (2001, p.17) nos diz que: “a disciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são as quatro flechas de um único e mesmo arco: o do conhecimento”.

O que distingue a transdisciplinaridade é a sua finalidade: a compreensão do mundo presente, impossível de ser inscrita na pesquisa disciplinar, enquanto a finalidade da pluridisciplinaridade e da interdisciplinaridade é a pesquisa disciplinar. Nesse sentido, recorreremos a interdisciplinaridade com o olhar da transdisciplinaridade.

Somos confrontados e desafiados a todo o momento quanto à necessidade das múltiplas linguagens as quais fazem parte do nosso cotidiano. Sendo assim, sentimos a necessidade de nos desenvolver como todo, se somos sujeitos da nossa própria história, devemos ter a oportunidade de nos trabalhar e sermos trabalhados como sujeitos da nossa própria evolução consciente. Essa necessidade passa pelo plano externo, interagindo com pessoas em ambientes reais, seja no plano interno, interagindo consigo próprio, através das representações mentais construídas.

Vivemos a plenitude do ser e quando acessamos algum conhecimento, este é acessado com toda sua carga de: percepção, emoção, mente e intuição, todos com a mesma intensidade, não fragmentamos o conhecimento interior, porém, muitas vezes não deixamos transparecer o que sentimos, afinal vivemos numa sociedade extremamente racional, onde somente o mental é levado em consideração, e como não “queremos” ser rotulados como insanos desprezamos tudo o que não é racional.

Felizmente as coisas estão caminhando para uma mudança desse paradigma, a passos lentos, mas, caminhando.

Hoje a formação de profissionais, aqui, especialmente a de professores, sinaliza algumas mudanças de enfoque. a integralidade do ser é uma delas e a história de vida deve ser considerada e valorizada, no entanto sem desconsiderar a produção científica, não como uma forma de ruptura do ponto de vista teórico e conceitual, mas com perspectivas positivas, sublinhando a importância da subjetividade para o conhecimento científico dos fenômenos educativos.

## **2 – REFERENCIAL METODOLÓGICO**

### **2.1- Caminhos percorridos**

A metodologia enfatizada nesta pesquisa é de caráter qualitativo.

A abordagem qualitativa de pesquisa tem suas raízes no final do século XIX, quando os cientistas sociais começaram a indagar o método de investigação das ciências físicas e naturais, que por sua vez se fundamentava numa perspectiva positivista de conhecimento. deveria continuar servindo como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais. (André: 2000, p.16)

Os fenômenos sociais são muito complexos e dinâmicos, o que torna impossível o estabelecimento de leis gerais. Quando se estuda história, o interesse maior é o entendimento do fato e não sua explicação causal. O contexto particular em que ocorre o fato é o elemento essencial para sua compreensão. A investigação dos problemas sociais utiliza da abordagem hermenêutica, que se preocupa com a interpretação dos significados contidos num texto (sentido amplo), levando em conta suas inter-relações.

A perspectiva qualitativa diferencia-se de outras metodologias de pesquisa ao centrar-se na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações, para compreender esses significados é necessário colocá-los dentro de um contexto.

Com base nesses princípios se configura a nova abordagem de pesquisa, chamada de pesquisa naturalística ou qualitativa. Naturalística porque não envolve manipulação de variáveis, nem tratamento experimental; é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural. Qualitativa porque não leva em conta o sistema quantitativista, defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, considera todos os componentes uma situação em suas interações e influências recíprocas.

### **2.2- Pesquisa participante - Abordagem biográfica enquanto metodologia específica**

A abordagem biográfica é a “expressão genérica da história de vida” (Moita, in: 2000, p.116).

Esta metodologia potencializa o diálogo entre o individual e o sócio-cultural. “Esse diálogo introduz necessariamente uma reflexão sobre a articulação entre essas duas

realidades e a tomada de consciência de co-habitações de significados múltiplos num mesmo vivido”. (Idem)

A compreensão é permitida por essa abordagem de um modo dinâmico e interativo, ocorrida entre as diversas dimensões de uma vida. Só a história de vida pode captar o modo de cada pessoa. Só a “história de vida” evidencia o modo como cada um mobiliza os seus conhecimentos, os valores, as energias, dando forma à sua identidade, num diálogo com seus contextos. Numa “história de vida”, pode-se identificar as continuidades e as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as mudanças de preocupações e interesses, as referências presentes no cotidiano.

“A abordagem biográfica é nesse caso mais que uma metodologia coerente com a problemática construída. É a via de acesso à sua exploração”. (Idem, p. 117)

Os pressupostos fundamentais nesta pesquisa, quer de ordem metodológica, quer de ordem epistemológica, segundo Moita, caracterizam-se em sua especificidade:

- 1- “O “saber” que se procura é de tipo compreensivo, hermenêutico e profundamente enraizado nos discursos dos narradores” (Idem, 117);
- 2- O enfoque deste trabalho exclui a formulação de hipóteses, porém, é fundamental a definição de eixos que explicitam e delimitam o campo da pesquisa;
- 3- “O quadro de análise interpretativo das histórias de vida é elaborado de um modo coerente com o objecto da pesquisa e o “corpus” biográfico recolhido. O problema é, como refere Ferrarotti (1984), ordenar, compreender sem desnaturar, sem violentar, sem sobre-impor um esquema preestabelecido” (Idem);
- 4- Cada história de vida, cada percurso é único, radicalmente singular, o que não permite generalizações;
- 5- A pesquisa impõe a efetiva implicação dos participantes. Implicação esta, gerada a partir de um “contrato de confiança”, de uma negociação clara dos objetivos do trabalho e do que se espera de cada um dos participantes;
- 6- A relação mantida com os narradores é caracterizada pela colaboração, partilha, empatia e por uma atitude que reflete uma situação de paridade;

- 7- A participação neste trabalho é de caráter, necessariamente, formativo em relação a todas as pessoas nele implicadas. A apropriação de cada um sobre o seu patrimônio existencial, através de uma dinâmica de compreensão retrospectiva, é segundo Nóvoa (1988), um fator de formação.

### **2.3- Definição do objeto / sujeitos**

A pesquisa contará com a participação dos sujeitos envolvidos para a devida análise do material produzido pelo pesquisador e com as considerações dos envolvidos pesquisados, dentro da lógica da implicação do sujeito preocupado com seu processo de autoformação.

Por razões éticas, os participantes da pesquisa estarão protegidos por pseudônimos.

O curso PIE tem como principal procedimento de avaliação formativa a construção de um porta – fólio por semestre letivo (documento do porta – fólio no anexo 1), o que constitui uma inovação pedagógica nos programas de formação de licenciatura em Pedagogia. Nesse sentido o porta – fólio possibilita romper com uma forma de avaliação fragmentária de tratar o conhecimento e conduz a compreensão de uma forma mais ampla, promovendo a interação do sujeito no processo educativo.

O porta – fólio é uma forma de organização , onde o aluno materializa a construção de sua produção e de seu processo de desenvolvimento ao longo do semestre ou do curso. Essa modalidade de avaliação não é novidade na educação, ela foi inspirada no campo das artes e serve como forma de avaliação qualitativa.

[...] Ele se constitui de: anotações pessoais, relatos de experiências, artigos de revistas, reportagens, trabalhos analisados pelo “mediador / colegas” e refeitos, fichas de leitura, relatórios de observação, resenhas críticas, resumos de livros, resumos de textos, avaliações escritas (refeitas), desenhos, fotografias, etc. (Araújo, 2001).

O porta – fólio é composto ainda de duas partes importantes: o memorial descritivo e o diário reflexivo.

O memorial descritivo é o relato da “história de vida” do aluno do curso, este deve conter a história pessoal, da vida escolar e da trajetória profissional, entre outros aspectos relevantes à vida de cada um.

No diário reflexivo, são incluídas as opiniões do professor – cursista, a vinculação da sua prática pedagógica, trabalhos realizados no decorrer do semestre e outros, tais como análise de filmes e artigos de revistas e jornais relacionados aos temas abordados no curso.

Deste curso PIE, foram analisados os porta – fólhos de duas professoras cursistas escolhidas pela empatia e respeito ao trabalho desenvolvido, estabelecendo-se o “contrato de confiança” (ver p. 21). Cada porta – fólho é constituído de dois volumes. O primeiro foi construído ao longo do primeiro semestre do curso, ocorrido entre os meses de março a julho de 2001. O segundo volume, no segundo semestre do curso, ocorrido nos meses de agosto de 2001 e maio a julho de 2002 <sup>(1)</sup>. Os porta – fólhos foram elaborados com as devidas orientações do professor mediador da turma. Dentre as orientações, cada porta – fólho deveria conter o memorial descritivo e o diário reflexivo. Apenas as atividades que refletem o referencial teórico serão analisadas.

No volume I do porta – fólho será analisada a autobiografia e no volume II, a trajetória de vida escolar, em ambos serão analisadas ocorrências de atividades dentro de uma perspectiva interdisciplinar.



Porta – fólho de Mara (esquerda) e porta – fólho de Lia (direita)

Foto: Sant' Anna, setembro/2002

---

<sup>1</sup> A interrupção do curso aconteceu devido a greve da UnB – final de agosto a dezembro de 2001 e a greve da SEEDF fevereiro a abril de 2002.



#### **2.4- Perguntas relevantes à análise de porta – fólios:**

- \_ Há influência da “história de vida” das professoras pesquisadas numa abordagem “autobiográfica” na produção do porta – fólio?
- \_ As atividades apresentadas conduzem a posturas interdisciplinares?
- \_ Até que ponto a “história de vida” influencia a prática pedagógica das professoras pesquisadas?

### 3 – COLETA DE DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

#### 3.1 – Coleta de dados e análise da “história de vida” de Mara

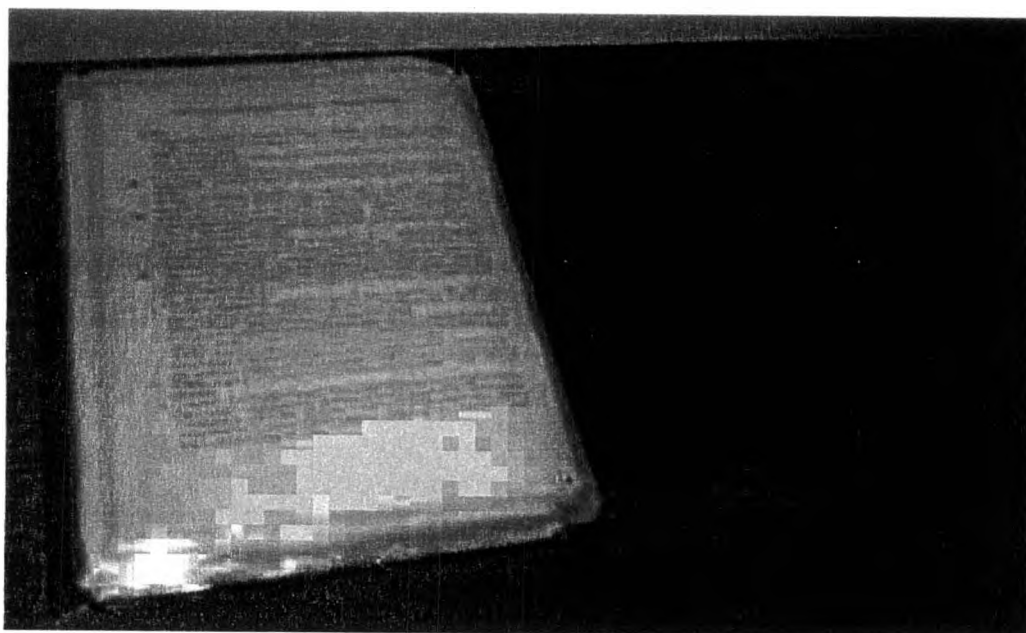
O porta – fôlio de Mara elaborado em dois volumes, o primeiro, em cinco meses, e segundo, em quatro meses, corresponde aproximadamente a 4,5 kg. O volume I está dentro de uma pasta para catálogo visual preta com colagens de gravuras na capa, o volume II também está dentro de uma pasta para catálogo visual azul (ver foto anterior). O material produzido, em ambos, está digitado, suas produções estão acomodadas em folhas plásticas. Considerando os elementos constitutivos previstos na orientação (ver p. 22), encontra-se anotações pessoais, relatos de experiências, trabalhos analisados pelo professor mediador / colegas e refeitos, relatórios de observação, avaliações escritas (refeitas), fotografias, desenhos e atividades dos alunos, apostilas evidenciando pesquisas realizadas, mensagens, gravuras e passagens bíblicas. Os dois volumes do porta – fôlio contêm o memorial descritivo e o diário reflexivo.

O porta – fôlio de Mara foi estruturado de forma disciplinar, com divisões internas para cada uma das disciplinas (ver relação das disciplinas p.24). As disciplinas estudadas no 1º semestre são as seguintes: Educação e Língua Materna I, Bases Pedagógicas do Trabalho Escolar, Educação e Linguagem Matemática I, Educação e Ciências Físicas e Biológicas I, Aprendizagem, Tecnologias e Educação a Distância e Educação e Sociedade numa Perspectiva Sociológica. Disciplinas estudadas no 2º semestre: Educação e Língua Materna II, Educação e Ciências Sociais I, Fundamentos da Educação Básica para Crianças, Fundamentos da Educação Básica para Jovens e Adultos, Educação, Arte e Movimento I e Filosofia e Práxis Pedagógica.



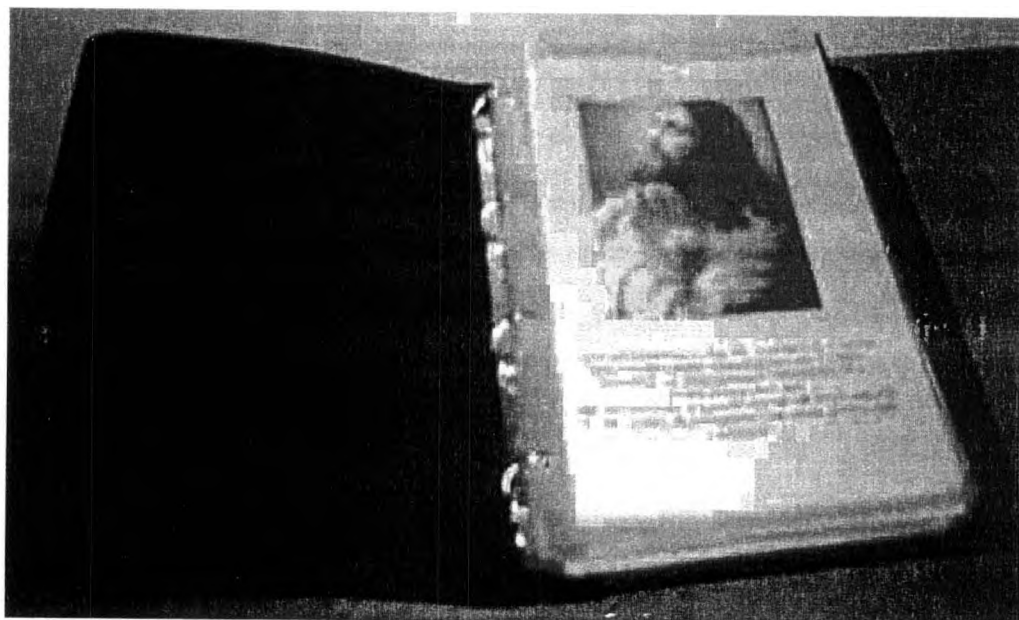
Porta – fólio de Mara, Vol I, 1ª página

Foto: Sant' Anna setembro / 2002



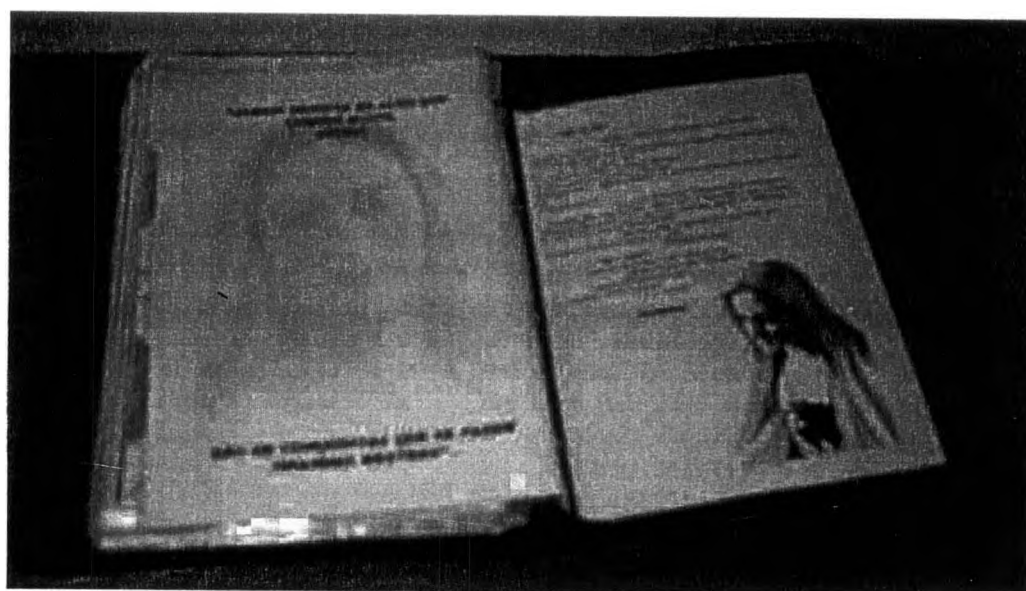
Porta – fólio de Mara, Vol I, última página

Foto: Sant' Anna, setembro/2002



Porta – fólho de Mara, Vol II, 1ª página

Foto: Sant' Anna, setembro/2002



Porta – fólho de Mara, Vol II, última página

Foto: Sant' Anna, setembro/2002

No quadro a seguir, consta o resumo do relato da “história de vida” de Mara, elaborado com base no original do memorial descritivo, com indicação de categorias referidas a eventos e expressão de sentimentos, marcados no tempo (idade / anos), quando possível, estas estão discriminadas, enfocando o percurso e caminhada, realizadas ao longo da vida, algumas categorias estão repetidas com o intuito de enfatizar sua trajetória específica.

Seguem-se os textos extraídos do diário reflexivo, analisados conforme a ordem que aparecem no porta – fôlio.

| <b>Resumo do relato da História de Vida de Mara no memorial descritivo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | <b>Idade anos</b> | <b>Categorias</b>                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|---------------------------------------------------------------------|
| <p>Mara nasceu em 1969, em Terezina (PI).</p> <p>Filha de mãe solteira, foi registrada pelos avós maternos. O casal, de família pobre e simples, semi-analfabeto, sabia apenas assinar o nome e resolver algumas operações matemáticas.</p> <p>Em uma família com seis filhos do casal, que mais tarde passou a ser nove, pois, as três netas foram registradas como filhas legítimas. Mara tornou-se a oitava filha ou a segunda neta.</p> |                   | <p>Nascimento</p> <p>Família de origem</p> <p>Contexto familiar</p> |
| <p>Mara mudou-se aos três anos de idade para São Luis no Maranhão, devido à mudança de trabalho do pai, por esse motivo ela costuma brincar dizendo que é maranhense, pois, suas lembranças relativas à infância são de lá, tais como: brincadeiras de roda, início de escolarização e descoberta de valores religiosos presentes em suas memórias.</p>                                                                                     | 03                | <p>Mudança geográfica</p> <p>Lembranças de infância</p>             |
| <p>Mara enfatiza que seus pais faziam questão de conservar os costumes, as crenças e o dialeto da sua cultura.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                   | <p>Herança cultural dos pais</p>                                    |
| <p>Em 1975, aos seis anos, teve seu primeiro contato com eventos de letramento, no jardim de infância. Aos sete anos, foi matriculada na primeira série.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                | 06                | <p>Início de escolarização</p>                                      |
| <p>Devido às dificuldades econômicas, sua mãe biológica mudou-se para Brasília em busca de emprego.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                   | <p>Mudança geográfica da mãe biológica e de parte da família</p>    |
| <p>No final do ano de 1976, sua mãe biológica foi visitar a família com o propósito de trazê-la para morar no Distrito Federal. Dois irmãos vieram, o pai e a mãe ficaram com os outros filhos para providenciarem as transferências escolares dos filhos mais novos. A mãe biológica foi assaltada no dia em que enviaria o dinheiro para a</p>                                                                                            | 08                | <p>Interrupção da escolarização</p>                                 |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |    |                                                       |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|-------------------------------------------------------|
| <p>mudança da família, por esse motivo ficaram todos sem frequentar escola no ano de 1977.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                      |    |                                                       |
| <p>O pai, aposentado pela P.M. e exercendo a profissão de pintor, não poupou esforços para conseguir o dinheiro para a mudança do restante da família, que ocorreu em janeiro de 1978.</p>                                                                                                                                                                                          | 09 | Mudança geográfica                                    |
| <p>A família alugou uma casa em uma cidade satélite do D.F., onde Mara estudou e fez amigos. Ela não notava o sotaque nordestino até que um dia a vizinha chamou sua atenção ao perguntar se sua família era baiana, foi aí que percebeu o sotaque nordestino.</p>                                                                                                                  |    | Grupo de amigos<br>Identidade nordestina              |
| <p>Mara estudou da 2ª a 5ª séries em uma escola pública, de 1978 a 1981 e da 6ª série ao 3º ano do segundo grau em outra escola pública, de 1982 a 1987.</p>                                                                                                                                                                                                                        | 09 | Reingresso escolar                                    |
| <p>Em 1979, fez a primeira comunhão e no ano seguinte a crisma.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 10 | Religiosidade                                         |
| <p>Em 1986, casou-se com um nordestino que mudou para o Distrito Federal aos dois anos e que tinha uma bagagem cultural menor que a sua, conservando apenas os costumes culinários. No mesmo ano, nasceu o primeiro e único filho, companheiro de cursos (inglês e informática) e de brincadeiras e danças. Seguindo os costumes da família ele fez primeira comunhão e crisma.</p> | 17 | Formação da família<br>Nascimento do filho            |
| <p>Continuou morando na mesma cidade do D.F., de 1986 a 1989 e mudou-se para outra cidade do D.F., onde morou até 1992.</p>                                                                                                                                                                                                                                                         |    | Religiosidade<br>Mudança geográfica                   |
| <p>Em 1993, voltou a morar na cidade anterior, onde cursou o Projeto Crescer (complementação pedagógica).</p>                                                                                                                                                                                                                                                                       | 22 | Formação profissional                                 |
| <p>Mara mudou-se em 1994 para outra cidade do D.F., onde mora até hoje.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | 25 | Mudança geográfica                                    |
| <p>No ano de 1995, passou no concurso da Fundação Educacional e foi chamada em 1997, iniciou seu trabalho docente em um jardim de infância do Plano Piloto.</p>                                                                                                                                                                                                                     | 26 | Concurso Público<br>Primeira experiência profissional |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |    |                              |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|------------------------------|
| Mara relata sobre suas viagens e conta que em 1998 conheceu Aparecida do Norte.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 29 | Viagens                      |
| Foi trabalhar em uma cidade do D.F., neste mesmo ano já com lotação definitiva.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 29 | Religiosidade                |
| Em 1990, perdeu o pai e em 1998, a mãe faleceu.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |    | Estabilidade profissional    |
| Em sua trajetória profissional, Mara trabalhou com Educação Infantil e Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries e C. A.). Mara relata que, ao trabalhar na cidade do D.F., teve contato com uma comunidade carente em todos os aspectos, o que a fez crescer no campo profissional e pessoal.                                                                                                              |    | Falecimento dos pais         |
| Em dezembro de 2000, passou no vestibular da Universidade de Brasília e atualmente frequenta o curso de Pedagogia para Professor em Início de Escolarização. Ao estudar Educação e Língua Materna I, ela conta que tirou suas dúvidas em relação à bagagem cultural nordestina, que tantas vezes negou, até mesmo sem perceber, e hoje assume essa cultura..                                         | 31 | Experiência profissional     |
| Mara diz que é questionadora, pois sempre quis saber o porque das coisas. Diz novamente que é Católica (com letra maiúscula mesmo), como toda sua família e que faz questão de ir à Missa (também em maiúsculo) todos os domingos, se diz alegre e adora festa, churrasco e cerveja. É exigente consigo e com as pessoas que a cercam. Agradece a Deus pela disposição e por não deixá-la desanimar. |    | Formação universitária - UnB |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |    | Auto conhecimento            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |    | Religiosidade                |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |    | Religiosidade                |

O percurso da “história de vida” de Mara é permeado pela mobilidade geográfica, uma das características da população brasileira procedente do nordeste, marcante presença da religiosidade e valorização do estreito vínculo familiar, da formação escolar e experiência profissional como docente.

Mara ilustra sua narrativa com fotos de diversas fases de sua vida: infância, formatura de oitava série, noivado, casamento, gravidez, batizado, primeira comunhão e crisma e primeiro dia de aula do filho, do marido e das viagens que fez.

Ao abrir o porta – fôlio de Mara, vemos uma ilustração de Jesus (ver foto) e uma passagem da Bíblia, na segunda página, encontra-se o Salmo 23 e a letra da música Monte Castelo de Renato Russo. Podemos constatar que a religião é de fundamental importância em sua vida, em seguida vemos uma foto de Mara com uma cerveja, comprovando que gosta mesmo de festas.

Juntamente com a religião, outro aspecto importante na vida de Mara é a família, formada pelo marido e o filho.

Outro fato relevante é que Mara teve seu primeiro contato com eventos de letramento somente na escola, o que de certa forma é natural, pois, em sua narrativa, ela deixa claro que os pais eram semi-analfabetos e a conservação da cultura regional nordestina era importante para a família. Ao estudar Educação e Língua Materna I, ela conseguiu perceber a dificuldade que tinha e superá-la, o que comprova que o espaço de sala de aula propiciou o resgate de seu mundo cultural e a aceitação do mesmo.

Em sua narrativa, Mara diz que aos poucos o sonho de estudar na UnB foi se concretizando e a primeira palestra que assistiu foi com expectativa.

Algumas frases são elaboradas por Mara, comprovando que ela tem repensado sua práxis pedagógica:

*“O novo, é sempre assustador, mudar regras, posturas construídas ao longo do tempo é um desafio que nem sempre podemos abraçar por medo. Assim massacraremos nossos alunos, com métodos tradicionais mascarados de novo, sem deixar viver em cada um a criatividade e a vontade de expor suas idéias, sem pelo menos ter-lhes dado chance de mostrar que são capazes”.*

Mara demonstra sua preocupação com o novo e ao mesmo tempo não esquece uma das qualidades essenciais ao ser humano: a criatividade e deixa clara a impossibilidade do aluno vivenciá-la. Isso comprova a pressão que ela sofre enquanto professora que busca novas metodologias de ensino e sente-se sufocada diante do medo de não poder abraçá-las. Dessa forma, Mara nos remete aos três AAA do processo identitário do professor: Adesão, Ação e Autoconsciência. É evidente a tentativa de aderir a novos princípios, porém o medo de agir não a deixa avançar e há autoconsciência nesse processo de reflexão. Todo esse processo é de luta, de conflito e de construção na maneira de estar na profissão.



O porta – fôlio de Mara é construído de forma disciplinar, com divisões internas para cada uma das disciplinas trabalhadas no curso.

Ao escrever um texto (anexo 2), sobre as características do trabalho pedagógico em sua escola, podemos analisar algumas questões tais como: Mara diz que tem procurado não só levar os projetos para os alunos, mas, incentivá-los a produzirem seus próprios projetos, a partir dos temas que estão sendo estudados.

Em seu relato, Mara não deixa claro se os alunos elaboram ou não seus projetos, mas, é possível perceber que há participação e envolvimento dos mesmos. Pode-se perceber ainda uma breve crítica quanto a direção da escola “que parece não levar em consideração a realidade do aluno, fato que muitas vezes torna a execução de um projeto inviável”. Podemos ver claramente que a gestão da escola não é compartilhada e o pilar da educação: aprender a viver juntos (Delors), “...desenvolvendo o conhecimento acerca dos outros, da sua história, tradições e espiritualidade” e a partir desses conhecimentos criar um espírito novo, percebendo as nossas interdependências, gerando a realização de projetos comuns, de uma gestão inteligente e apaziguadora. Nada disso é levado em consideração e todos sofrem com esse processo. Quando a professora diz que são realizadas reuniões bimestrais na escola, onde são extraídos temas para serem desenvolvidos em todas as turmas e em todas as disciplinas, podemos perceber o sofrimento através da palavra “extraídos”.

Mara não se aprofunda nos termos: temas geradores e projetos e em momento algum sugere se há ou não interdisciplinaridade na escola ou em sua sala de aula. Ela sugere ainda que: “a maneira de superar a distância entre teoria e prática é elaborando projetos menos utópicos, encarando a realidade física e financeira da escola e de preferência com temas sugeridos pelos alunos”. Através dessa narrativa podemos entender que os pilares da educação não são levados em conta e nem a subjetividade e a integralidade do ser que é o professor são consideradas, enquanto a direção elabora, os professores executam o trabalho pedagógico.

Em seu porta –fôlio, Mara faz outra reflexão:

*“Não quero deixar que a estética e a técnica vençam, porque ainda tenho muita esperança de que a ETICA possa ressuscitar em cada um. E por falar em ética, conversei com meus alunos (C. A. 4ª série) e perguntei o que achavam da função do professor e como seria se eles fossem professores...”*

Mara incluiu a produção de texto de seu aluno, fator relevante para analisar a ideologia subjacente ao trabalho pedagógico da professora.

O texto do aluno, de 4ª série, turma de aceleração, encontra-se no anexo 3.

Sem grandes considerações quanto à feminilização da profissão e o machismo do aluno encontrados no texto, podemos analisar novamente o que Nóvoa diz sobre outro fator de intensificação de tensão na vida dos professores: a desvalorização da sociedade quanto à profissão, o nível das remunerações e as críticas quanto à situação do ensino.

No decorrer do curso PIE, Mara realizou uma atividade intitulada: A influência do estudo da Sociologia, Língua Materna I e Linguagem Matemática I em minha prática pedagógica, ela construiu o seguinte parágrafo:

*“Eu também modifiquei minha atitude com relação à linguagem deles. Passei a ouvi-los com mais atenção e corriji-os preferencialmente na hora da leitura, onde a fala monitorada deve estar presente”.*

Logo no início de sua narrativa, Mara deixa presente a mudança de relação com seus alunos, quando diz que passou a ouvi-los com mais atenção, demonstrando que trabalha com uma atitude acolhedora e respeitosa, podemos notar que há resgate na totalidade do ser (professora e alunos) e no espaço da aprendizagem vivenciada por ambos. Em relação à linguagem matemática também, onde o corpo passa a ser utilizado e não só a racionalidade dos alunos na realização das atividades. Ela chama a atenção para os conhecimentos construídos e que são utilizados ao longo da vida.

Mara ressalta o valor da cultura regional, podemos perceber que esta tem sido uma constante em suas narrativas, isso nos remete novamente a um dos pilares da educação: aprender a conhecer, que visa o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento e que pode ser considerado como um meio e uma finalidade da vida humana.

Mara faz uma breve reflexão sobre Educação Infantil:

*“Ao estudar o módulo de Fundamentos da Educação Básica para Crianças, passei a prestar mais atenção nas crianças com as quais convivo. Procuro demonstrar interesse por suas histórias de vida... A infância de agora, não tem comparação com o que nossos pais e avós viveram e até mesmo com a nossa infância... Compare!!!”*

Novamente Mara demonstra preocupação com a relação, valor essencial no cotidiano escolar e na vida de um modo geral e toda individualidade do ser, subjacente em sua

história. Percebemos aí a compreensão de uma concepção diferente de ser humano no mundo, valorizado em sua totalidade, considerando o sujeito com sua história.

Em sua reflexão sobre Arte e Movimento, Mara narra:

*“Faz-se necessário que paremos para refletir, sentir, olhar e principalmente amar nosso corpo. Pois ele é o nosso instrumento de leitura e expressão corporal, através do qual podemos liberar o artista que existe em nós”.*

Através dessa reflexão de Mara, podemos perceber que ela busca a plenitude do ser com sua percepção, emoção, mente e intuição. Novamente nos remetemos à integralidade do ser e a outro pilar da educação contemporânea, segundo Delors: aprender a ser, onde “...a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade”.

Texto construído por Mara após a leitura dessas considerações:

*“Fiquei muito emocionada ao recordar minha ‘história de vida’, esta não é apenas mais uma e sim a minha história.*

*Sinto-me feliz por ter sido “escolhida” para fazer parte da história de vida de uma outra pessoa, num momento tão especial como a da conclusão de um trabalho.*

*A sensação de poder ver alguns aspectos da minha prática profissional, e citação de reflexões e pensamentos meus, ajudam-me a crescer, avaliando e retomando posições pessoais e profissionais.*

*Ao estudar Língua Materna, tive oportunidade de ver concretizadas raízes que sempre ignorei (por desconhecimento de alguns termos), ao mesmo tempo em que me aproximei dos meus alunos, ao compreender melhor seus ‘erros’.*

*Trabalhar com Educação Infantil, nos dá uma impressão de poder, pois, estamos “criando pessoas” e só um ser superior (Deus), possui tal poder. A criança que cresce tendo conhecimento de seu corpo, sabendo explorá-lo como ferramenta artística, emocional e intelectual, certamente será um cidadão (no verdadeiro sentido da palavra).*

*A ansiedade de ver o desenvolvimento das crianças com as quais convivo, faz de mim uma pessoa esperançosa, audaciosa e às vezes covarde. Quero buscar e implantar novas técnicas educacionais e ao mesmo tempo, sinto-me presa aos métodos tradicionais, e aos poucos, vou buscando essa liberdade, talvez por isso ainda não tenha conseguido evidenciar claramente se há ou não interdisciplinaridade em meu trabalho.*

*Fui criada e alfabetizada com métodos tradicionais, e a divisão do porta – folio por disciplina pode ser ainda marca desse método educacional. As tradições de minha família incluíam: festas,*

*brincadeiras e muita alegria, além de muito respeito aos mais velhos e, principalmente a preservação dos valores familiares.*

*Se nossos alunos são reflexo de nossas atividades, ao ler algumas produções de meus alunos, posso observar que eles estão observando minha inquietação quanto à valorização e o reconhecimento do profissional que trabalha com educação”.*

### **3.2- Análise do relatório de Mara:**

A emoção e o sentimento de valorização da sua “história de vida” estão presentes de forma marcante.

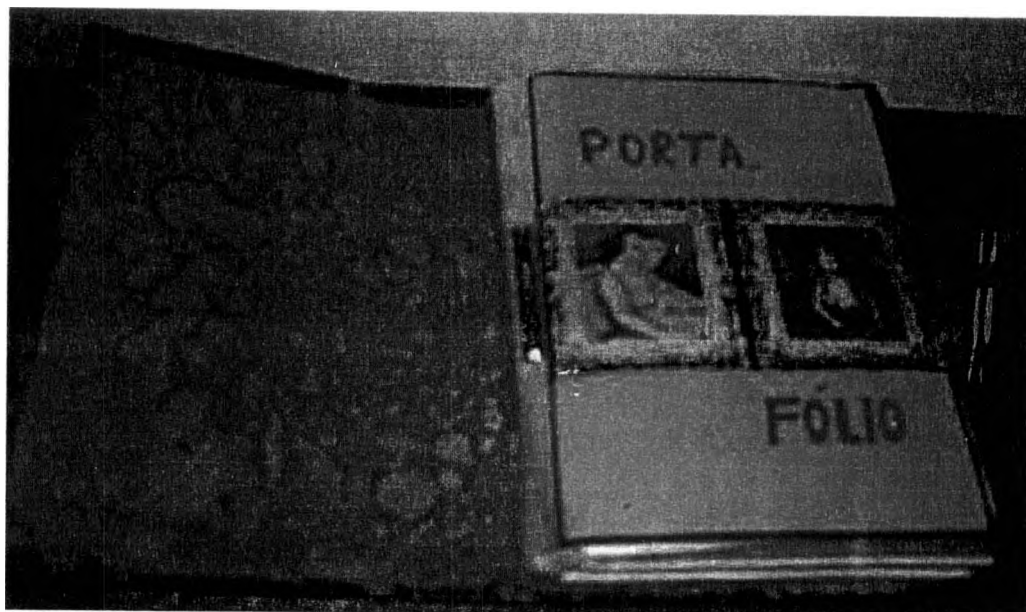
Há reflexão sobre a análise de suas atividades e até mesmo justificativa da sua práxis pedagógica em função da trajetória de vida escolar.

Novamente podemos perceber o reflexo da religiosidade em seu texto e a tensão quanto ao desempenho profissional e a representação desse fato em seus alunos.

### **3.3- Coleta de dados e análise da “história de vida” de Lia**

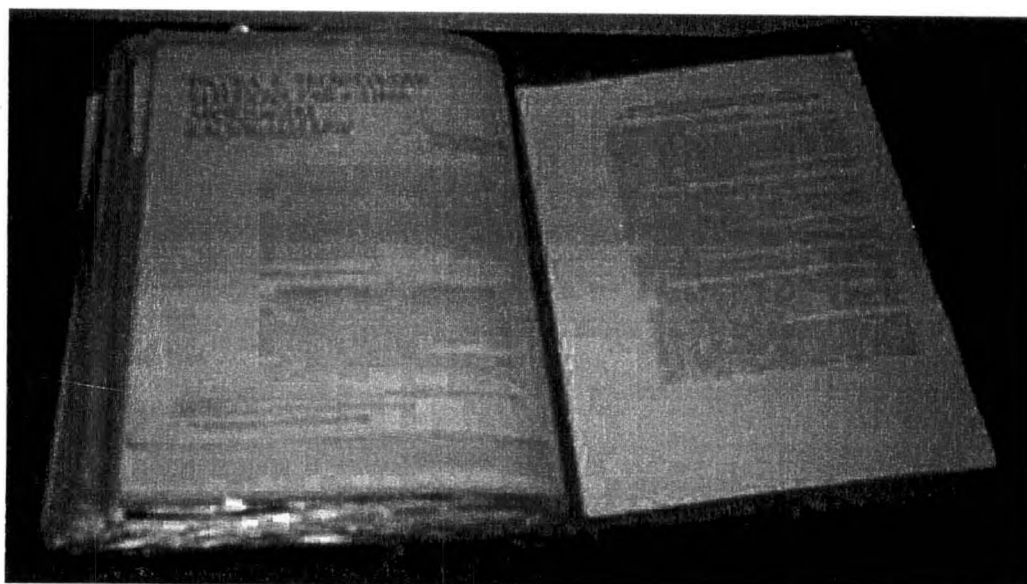
O porta – fôlio de Lia é elaborado em dois volumes. o primeiro, em cinco meses e segundo, em quatro meses, corresponde aproximadamente a 4 kg. O volume I está dentro de uma pasta para catálogo visual, encapada com papel roxo. o volume II também está dentro de uma pasta para catálogo visual, encapada com tecido bordado com sigla da UnB e emoldurado em crochê (ver foto p. 23). O material produzido, em ambos, está manuscrito, suas produções estão acomodadas em folhas plásticas. Considerando os elementos constitutivos previstos na orientação (ver p.22), encontra-se: anotações pessoais, relatos de experiências, trabalhos analisados pelo professor mediador / colegas e refeitos, relatórios de observação, avaliações escritas (refeitas), fotografias, desenhos e atividades dos alunos, apostilas evidenciando pesquisas realizadas, mensagens e gravuras. Os dois volumes do porta – fôlio contém o memorial descritivo e o diário reflexivo.

O porta – fôlio de Lia é organizado por datas, de forma não disciplinar.



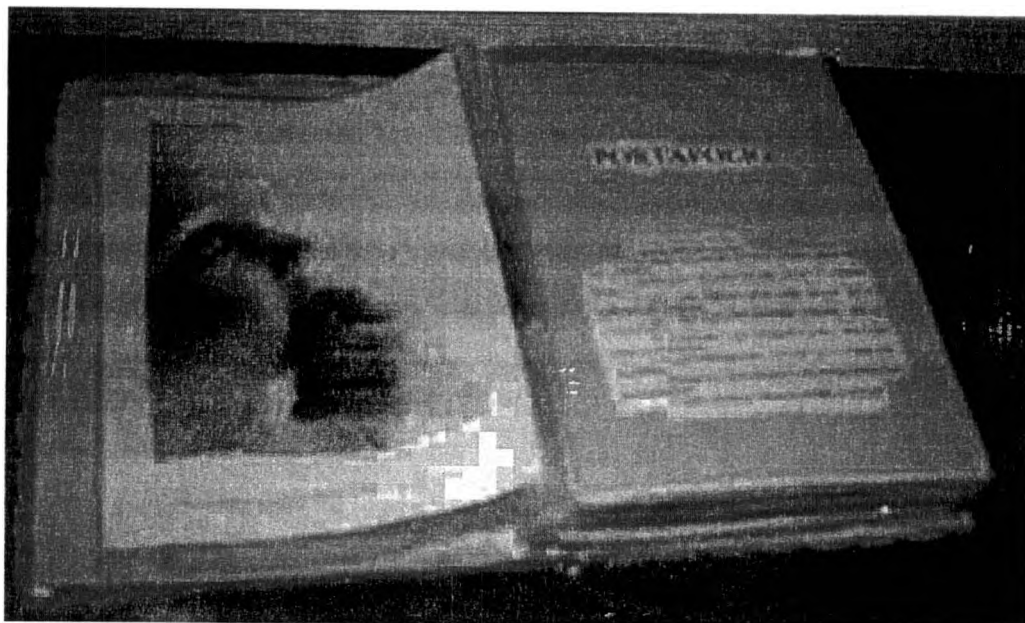
Porta – fólio de Lia, Vol I, 1ª página

Foto: Sant' Anna, setembro/2002



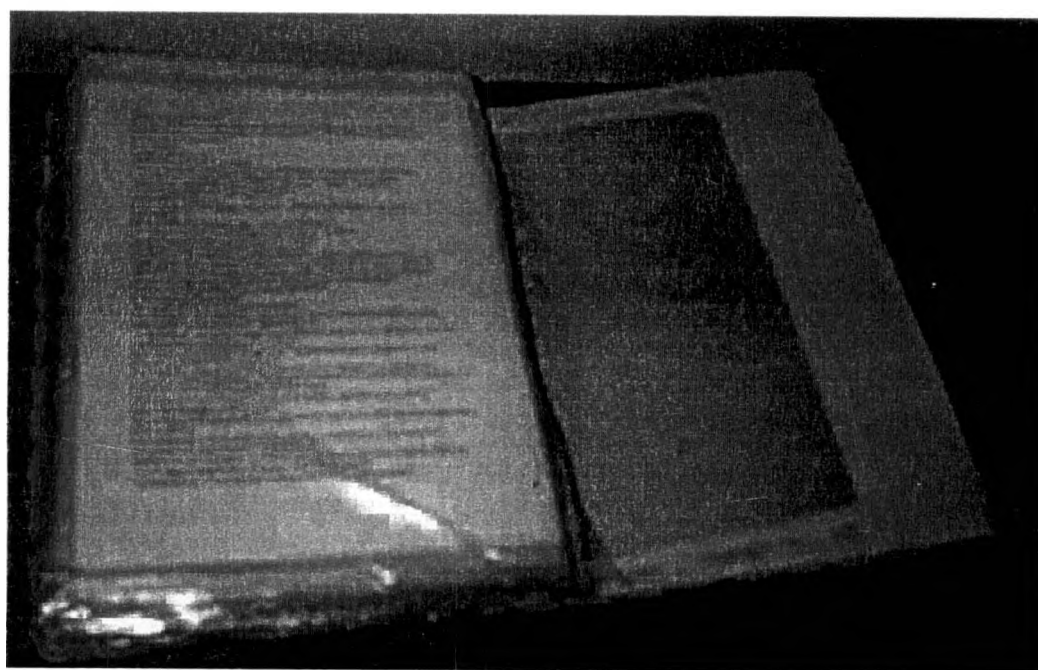
Porta – fólio de Lia, Vol I, última página

Foto: Sant' Anna, setembro/2002



Porta – fólho de Lia, Vol II, 1ª página

Foto: Sant' Anna, setembro/2002



Porta – fólho de Lia, Vol II, última página

Foto: Sant' Anna, setembro/2002

No quadro a seguir, consta o resumo do relato da “história de vida” de Lia, elaborado com base no original do memorial descritivo, com indicação de categorias referidas a eventos e expressões de sentimentos marcadas no tempo (idade) quando possível.

Seguem-se os textos analisados conforme a ordem que aparecem no porta – fólho.

| Resumo do relato da História de vida de Lia no memorial descritivo                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | Idade anos          | Categorias                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Em sua narrativa, Lia diz que sua história é semelhante à da maioria dos brasileiros.</p> <p>Uma parte da infância foi passada com os pais e avós paternos em uma fazenda no interior de Minas Gerais, o pai trabalhava na roça e às vezes saía para garimpar. Ajudava os pais na roça, especialmente na época da colheita e apesar do trabalho duro ela não tem tristezas daquele tempo, muito pelo contrário, sente saudades da tranquilidade, dos rios, das árvores...</p> <p>O pai faleceu devido à doença de Chagas. Com isso, dois dos seus irmãos foram morar com os tios, os três menores ficaram com a mãe e Lia veio para o Distrito Federal morar em um orfanato. Nessa época Lia tinha nove anos e nunca havia estudado.</p> <p>Quando morava na roça e seus irmãos iam para a escola, ela queria ir e algumas vezes até ia. A professora morou um tempo na casa de seus pais e quando ela ia levar a merenda para a professora, acabava ficando o resto do tempo.</p> <p>Lia foi matriculada em uma Escola Classe e foi alfabetizada com a cartilha Ataliba. Ela fez a 1ª e 2ª séries em um ano, pois além de estar com dez anos, tinha um bom rendimento. A professora dizia que ela não tinha dificuldades. O que a deixava sem graça na escola é que às vezes chamavam sua atenção por não estar usando o uniforme completo. Ela nem sempre tinha meia para usar, o orfanato era mantido por igrejas evangélicas e doações. Muitas vezes as crianças usavam o mesmo uniforme, quem estudava pela manhã</p> | <p>09</p> <p>10</p> | <p>Busca de identidade com os outros (nacional)</p> <p>Família de origem</p> <p>Trabalho infantil</p> <p>Sentimentos (saudades)</p> <p>Falecimento do pai</p> <p>Mudança geográfica</p> <p>Orfanato</p> <p>Vontade de estudar / crescimento</p> <p>Início de escolarização</p> <p>Falta de condições financeiras</p> |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |  |                                                                                                      |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>emprestava a saia e / ou a blusa para quem estudava a tarde. No boletim, recebiam uma menção relacionada a aparência pessoal, onde incluía o uso do uniforme completo.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |  |                                                                                                      |
| <p>Na 4ª série. Lia tinha aulas de música, ela gostava dessas aulas e lembra-se da história de Pedro e o Lobo, contada através de instrumentos musicais. A professora colocava o disco e ela ficava ouvindo e imaginando as cenas. Certa vez a professora mandou que cada aluno confeccionasse um instrumento musical. Deu sugestões de materiais que poderiam ser comprados e de sucata. Lia ficou aflita, pois não sabia como fazer. O orfanato era imenso e um dia, andando pelo quintal, ela achou um pedaço de ferro, que parecia um cano furado, como um ralo, fez um chocalho, depois achou outro pedaço de ferro e resolveu usá-lo para esfregar no cano, produzindo assim dois sons com o mesmo instrumento. A professora achou interessante, ensaiaram a música e foram convidados para apresentar em outra escola. foi um sucesso. Certa vez, tirou o primeiro lugar em trabalho feito com argila. A peça ficou na secretaria da escola.</p> |  | <p>Gosto pela música</p> <p>Criatividade</p> <p>Sentimento Orgulho pelo reconhecimento do mérito</p> |
| <p>Na escola, algumas coisas a deixavam triste, no final do ano a professora propunha a brincadeira do amigo oculto. As crianças do orfanato não tinham condições de participar e outras crianças também. Quando participavam, levavam sabonete e os colegas torciam para que as crianças pobres não tirassem o nome deles.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |  | <p>Falta de condições financeiras</p>                                                                |
| <p>Lia gostava de criar histórias, especialmente sobre fazendas e sempre as mostrava para a tia do orfanato, ela dizia que eram lindas e Lia ficava contente. Até que um dia, ouviu uma conversa da tia com outra pessoa e que não tinha a ver com suas produções, mas, na época ela não entendeu assim. A tia disse que mesmo achando as tarefas não muito boas, precisava elogiar para que a criança continuasse fazendo. Lia passou a pensar que todas as suas histórias eram ruins e que a tia dizia que eram boas para agradar ou enganar. Depois disso, foi perdendo a vontade de escrever.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |  | <p>Criatividade Saudades</p> <p>Desmotivação na produção de textos</p>                               |
| <p>Lia estudou até a 4ª série na mesma Escola Classe, a 5ª e a 6ª</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |  | <p>Escolarização</p>                                                                                 |



|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                   |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|
| series em outra Escola Classe, a 7ª série em um Centro Educacional, a 8ª série em outro, e no 2º Grau, voltou para o Centro de Educacional onde cursou o ano anterior. Naquela época, quem fizesse dezoito anos devia estudar a noite e a partir da 8ª série Lia frequentou a escola noturna. Ela achou a escola bagunçada, as notas não eram boas e a escola ficava longe do orfanato. Na época ela namorava o atual marido, ele saía do trabalho e ia para a escola esperá-la e depois a levava para o orfanato. | Mudança de turno escolar          |
| Lia narra em sua autobiografia que nenhuma música a marcou e que no orfanato, só podiam assistir televisão até as 20:00 horas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | Obediência                        |
| A diretora do orfanato (que Lia chamava de tia) dizia que, era melhor fazer o magistério para ter logo uma profissão. Lia não a escutou, e achava que não tinha jeito para lecionar.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | Negação da profissionalização     |
| Em 1974, a irmã foi morar no orfanato. Assim que ela chegou, foi para a escola, e como Lia, também gostava de estudar, mas, encontrou dificuldades e foi Lia, com quase catorze anos, quem praticamente a alfabetizou.                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Início da identidade profissional |
| Lia saiu do orfanato em 1979 para casar-se, e cursava o primeiro ano do segundo grau. Quando terminou o mesmo, estava no último mês de gravidez, teve problemas de saúde, e não prestou vestibular na época. A filha faleceu, e nove meses depois, engravidou novamente.                                                                                                                                                                                                                                           | Saída do orfanato                 |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Formação da família               |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Doença na gravidez                |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Morte da filha e nova gravidez    |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Mudança geográfica                |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Formação profissional             |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Dificuldade financeira            |
| Em 1984, mudou-se para um município de Goiás. Começou a sentir necessidade de fazer alguma coisa. Fez o Projeto Crescer (complementação pedagógica) para preencher o tempo. O marido foi contra, dizendo que lugar de mulher é dentro de casa, e dizia que depois não a deixaria trabalhar. De início, o marido dava dinheiro para pagar o curso, mas depois resolveu não dar mais. Lia fez faxina e cuidou de uma criança para concluir o seu curso.                                                              | superada                          |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                              |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Lia se encantou com o curso e gostou mais ainda do estágio. Conseguiu trabalhar com contrato provisório em uma escola onde a turma que pegou era considerada “um problema”, sofreu bastante e aprendeu muito. Depois que Lia começou a lecionar, teve mais paciência com o filho.</p>                                                                                                                                                                                                               | <p>Identidade<br/>profissional e<br/>pessoal<br/>Primeira<br/>experiência<br/>profissional<br/>Profissionaliza-<br/>ção<br/>Autoformação</p> |
| <p>Nos anos de 1989 a 1995, Lia trabalhou em escola particular. Em 1990, a diretora a colocou em uma turma de alfabetização. Naquela época tinha pouca experiência e começou a estudar, pegou uma apostila emprestada, e se empenhou. Trabalhou com música, jogos, brincadeiras e cartilha. Lia amou alfabetizar e ficava feliz com os progressos da turma.</p>                                                                                                                                        | <p>Concurso<br/>público<br/>Formação<br/>continuada</p>                                                                                      |
| <p>Fez o primeiro concurso público para a Fundação Educacional em 1992, e passou no quarto concurso.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | <p>Formação<br/>universitária<br/>interrompida<br/>por dificuldade<br/>financeira</p>                                                        |
| <p>Em 1996, foi admitida pela Fundação Educacional, sempre fez todos os cursos oferecidos pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação e que a direção permitia.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <p>Formação<br/>universitária -<br/>UnB</p>                                                                                                  |
| <p>Em 1999, fez dois semestres do curso de Pedagogia, não conseguiu ir adiante por condições financeiras.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | <p>Crítica às<br/>condições de<br/>trabalho</p>                                                                                              |
| <p>Em 2001, Lia começou a fazer o curso de pedagogia pela UnB.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | <p>Tensão<br/>profissional</p>                                                                                                               |
| <p>A sobrecarga de trabalho tem deixado Lia achando que é uma péssima professora, sem criatividade, e sem saber como encontrar a melhor motivação para o aluno ter prazer em estudar. Lia diz que em nossa profissão/trabalho o que a desmotiva é a falta de valorização, as más condições de trabalho, espaço físico inadequado e merenda insuficiente. “O profissional da educação não é respeitado, não tem plano de carreira, nem de saúde. Não pode adoecer que é chamado de vagabundo. Acham</p> |                                                                                                                                              |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|
| <p>que somos babas dos alunos e responsáveis por sua total educação. Estão nos desqualificando com estas atribuições. pois a cada ano. os pais estão mais ausentes. se eximindo da educação de seus filhos, são obrigados a trabalhar cada vez mais para sustentar sua família, isto quando não a abandona”.</p> <p>Todos sabem que para se ter progresso e crescimento do país em todos os sentidos, é necessário se investir em educação e tecnologia. Melhorar ou até mesmo mudar a educação, e para isto tem que haver investimento em todos os sentidos (emocional, didático e financeiro). A escola tem que ser um lugar de soma e crescimento, e que o total disso tudo seja um ser humano político, analítico, participativo, ético, interativo e principalmente feliz”.</p> | <p><b>Reflexão prática e sugestões com afirmação de valores</b></p> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|

De um modo geral, percurso da “história de vida” de Lia é permeado pela mobilidade geográfica, o afastamento da família de origem e a vontade de estudar, apesar das dificuldades financeiras marcando sua autonomia e sua criatividade.

Um fato que nos chama a atenção é a naturalidade com a qual Lia relata sua vida e diz que sua história é semelhante à da maioria dos brasileiros, talvez em sua origem sim, pois a pobreza era uma realidade concreta na época. Porém a separação de Lia da família, com a morte do pai e a vinda para o orfanato é extremamente marcante na vida dela. Lia não demonstra grandes traumas e sim algumas tristezas com algumas situações, como por exemplo: ser avaliada pela aparência pessoal, a escola onde ela estudava não considerava o ser humano na sua totalidade e como sujeito da sua história e sim a aparência e a fragmentação do ser, tal escola negava a subjetividade.

A escola onde Lia estudou não considerava a realidade do aluno, gerando situações desconfortáveis e inseguranças. Apesar do contexto da época, década de 70, a escola não poderia negar a pobreza das crianças e em especial as do orfanato. Na narrativa de Lia, ela não deixa transparecer grandes traumas. Ela tem lembranças ruins, apenas da tia do orfanato. Essas más lembranças deixaram-na temerosa de escrever novas histórias.

Lia não relata se havia ou não um vínculo com a família de origem e demonstra saudades do tempo em que morava no interior dizendo que gostava de histórias de fazendas.

A criatividade demonstrada ao construir um instrumento musical e o trabalho feito com argila, que ficou na secretaria da escola, evidenciam que, de alguma forma, Lia se sentiu

valorizada no processo dialético escolar, que ora impõe fragmentação e gera desconforto (uso do uniforme e amigo oculto), ora valoriza a produção do aluno.

Podemos perceber que a questão da profissionalização, que a tia do orfanato propunha, e que ela não aceitou na época, retomando sua posição **mais** tarde, nos remete a outro pilar da educação (Delors, 1996): aprender a fazer, competência ligada à questão profissional. Lia relata que se apaixonou pela profissão logo no **início** do curso, e mais especificamente pela alfabetização, comprovando que a vida escolar não se restringe a dimensões estritamente racionais e a relação é um valor essencial no **cotidiano** da escola e na vida, de um modo geral.

Ao iniciar o curso de complementação pedagógica, Lia diz que sentia necessidade de fazer alguma coisa, ela sentia falta de se desenvolver na sua **totalidade** e conseqüentemente no mundo do trabalho. Nesse processo, está clara a tentativa de **descobrir** a verdadeira natureza do ser.

No desenvolvimento do trabalho de Lia, percebemos **também** que ela utiliza recursos que foram trabalhados com ela, no decorrer da sua vida **escolar**, como música, por exemplo.

Outro pilar da educação: aprender a conhecer (Delors, 1996), é valorizado por Lia no que diz respeito à formação continuada ao longo da vida, pois ela **valoriza** os cursos, bem como a busca de conhecimento quando sente a necessidade de se **aprofundar** e desenvolver com dignidade suas capacidades.

Há fonte de tensão na vida profissional de Lia, que se diz **desvalorizada** pelas más condições de trabalho e pelo nível da remuneração. A sobrecarga de **trabalho** imposta pela sociedade é outro fator de tensão e as atribuições, cada vez maiores no **desempenho** da função a faz sentir que seu trabalho não está sendo realizado com a devida **qualidade** que poderia ter.

Diante de toda essa complexidade, Lia propõe **alternativas** para o progresso e crescimento do país. Ela sugere que para isso deve haver mais **investimento** e aponta como solução a educação, dizendo que a escola deve ser um lugar de soma e crescimento e sugere ainda a formação integral do cidadão.

Em uma das atividades realizadas por Lia e intitulada: Significado do trabalho e do trabalho escolar, ela diz que a escola não funciona como deveria, pois, não tem orientador educacional e a coordenação pedagógica não funciona porque passa o tempo todo substituindo professores em sala de aula. Além disso, a escola não tem material e nem lanche o suficiente. É clara a crítica que ela faz quanto ao aspecto pedagógico da escola, que não funciona como deveria. Podemos concluir que a escola se envolve com o trefismo diário e não considera questões maiores como um processo pedagógico de qualidade.

Ela procura realizar o trabalho pedagógico respeitando o nível cognitivo de seus alunos e partindo da realidade deles e do conhecimento de mundo, favorece as idéias e opiniões dos mesmos. Dessa forma, Lia se propõe a trabalhar dentro de uma concepção de conhecimento que se faz através das relações simples da vida, sem fragmentação.

Lia preocupa-se em realizar seu trabalho e diz que ele "não deve ser uma simples execução de tarefas".

Podemos notar que na prática de Lia, os atos de ensinar e aprender são identificados com o ato de viver.

O porta - fôlio de Lia não apresenta divisões internas das disciplinas trabalhadas no curso, sua organização é por datas. Ela anexa diversas pesquisas complementares aos temas estudados. Parece que ela procura dar um formato interdisciplinar.

Texto construído por Lia após a leitura dessas considerações:

*"Ao ler minha 'história de vida' me emocionei. Foi como se estivesse passando o filme de minha vida.*

*Realmente, eu procuro fazer o possível para agradar meus alunos, mas, devido a falta de tempo ou sobrecarga de trabalho, não tenho conseguido elaborar aulas mais dinâmicas. Fico preocupada com o desinteresse que os alunos apresentam e o que é mais preocupante é a falta de interesse dos pais com a vida escolar de seus filhos.*

*Em relação às produções de texto, pela experiência que passei, procuro analisar a redação junto com o aluno, para que ele possa fazer a autocorreção e se avaliarem junto comigo.*

*Lendo minha história, aumentei um pouco minha auto-estima, pois pude ver como me esforcei para superar as dificuldades. Fiquei orgulhosa de mim mesma”*

### **3.4- Análise do relatório de Lia:**

A emoção é um fato marcante em seu relatório e há preocupação novamente quanto à sobrecarga de trabalho, gerando tensão quanto ao seu aspecto profissional. Há também inquietação quanto ao interesse de seus alunos e pais e a valorização do seu trabalho pedagógico.

## CONSIDERAÇÕES

Ao se concluir este trabalho, não apresentei considerações finais e sim provisórias, pois estão abertas, são apenas pistas de reflexão que remetem a novas questões.

O reconhecimento de que o universo é um organismo vivo e a consciência do indivíduo humano não é um ato isolado dentro do mundo, nos leva a acreditar que a própria evolução da humanidade é um aspecto importante dentro deste trabalho. Neste sentido, o ser é tido como único e singular na sua trajetória de vida, não de forma fragmentada e descontextualizada do todo, mas, com toda a importância histórica no processo de evolução da humanidade.

As “histórias de vida” são tratadas como uma nova forma de pensar a atividade docente, dentro de um contexto mais amplo, levando-se em conta a pessoa que é o professor, com os seus valores e sua maneira de pensar. A interdisciplinaridade com o olhar da transdisciplinaridade complementa essa forma de pensar a subjetividade do ser, a relação consigo, com o outro e com o mundo / cosmo.

Os percursos de vida analisados, com base nos relatos, foram também percursos de formação, que ocorreram em tempos e espaços concretos, com peculiaridades próprias.

No que diz respeito à formação profissional das duas professoras cursistas, ambas fizeram o curso após o casamento, pode-se dizer que o percurso profissional das educadoras são marcados por características comuns, sem comparações.

O percurso de formação profissional revela que há implicação no sentido pessoal e social de ambas, isso porque a profissão é vivida como um projeto no qual cada um se reconhece numa tarefa de valor social.

Em cada “história de vida” há uma forma própria de gerir as energias internas e externas, nesse sentido o porta – fôlio se expressa como um local de permanente construção e reconstrução do saber que permeia a própria vida.

A profissão emerge como um processo de autoformação e que é influenciado pelas energias que se desenvolvem no interior desse espaço, sendo assim, a profissão é um espaço de vida juntamente com a formação escolar que, no caso específico, é universitária.

Nos dois porta – fôlios pesquisados, as pessoas demonstraram a influência da “história de vida” nas reflexões apresentadas, dessa forma, podemos concluir que a “história

de vida”, juntamente com a trajetória educacional, estão ligados diretamente com a práxis pedagógica do professor.

Através das categorias citadas nos quadros das “histórias de vida”, das duas pessoas pesquisadas (Mara e Lia), podemos comprovar a singularidade do ser, cada uma tem uma trajetória de vida particular, o que diferencia um ser do outro, e a história de cada uma comprova mais uma vez que cada ser é uma singularidade no universo.

A criatividade tem um papel fundamental na construção das reflexões apresentadas, assim como as fontes de tensão nas quais estão inseridos os professores no dia-a-dia.

A interdisciplinaridade enfocada com o olhar da transdisciplinaridade é algo que pode ser conquistado, pois emerge da própria vida.

A “história de vida” no processo de formação trás a possibilidade da autoformação, e a consideração da sua história passa pelo resgate do ser na sua totalidade.

O processo identitário dos professores pode ser refletido através dos três AAA, citados por Nóvoa: Adesão, Ação e Autoconsciência, nos diversos textos analisados.

Toda essa postura implica no ato de “ensinar e aprender” com o de viver, sendo assim, a educação é, antes de mais nada uma viagem interior, que possibilita a transformação social através do encontro do consciente com o inconsciente, onde o conhecimento de si mesmo se abre para a relação com o outro, ficando comprovada a utilidade dos quatro pilares da educação para o séc. XXI, recomendada pelo Relatório Delors, 1996.

A metodologia adotada possibilitou o alcance dos objetivos propostos, porém, não foi aplicada na íntegra, apenas nos aspectos possíveis, pois as “histórias de vida” contidas nos porta – fólios não foram construídas tendo em vista a pesquisa aqui apresentada, elas estavam prontas e com outra finalidade quando resolvi analisá-las. O memorial descritivo e o diário reflexivo foram elaborados com vistas a fazer parte do porta – fólio e através de um contrato de confiança com as professoras envolvidas, tive a permissão de analisá-los. Vale ressaltar que a pesquisa revelou aspectos formativos e de autoformação dos sujeitos implicados.



Foram analisadas as atividades mais relevantes ao propósito da pesquisa, nos limites do que considero ter sido um exercício teórico – metodológico preliminar exploratório

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da Prática Escolar**. São Paulo: Cortez, 2000.
- ARAÚJO, Ivanildo Amaro. **O Porta-Fólio Como Reflexão da Própria Aprendizagem** – Uma contribuição para o PIE. Universidade de Brasília, 2001. 7f. Apostila.
- DELORS, Jacques (Coord.). **Educação- Um Tesouro a Descobrir**. In Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI. Coleção Perspectiva Atual. São Paulo: Asa, 1996. 256f.
- HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- NICOLESCU, Bassarab. **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília: Edições Unesco 2000.
- NÓVOA, António (Org). **Vida De Professores**. Portugal: Porto, 2001.
- MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de Formação e de Trans-formação**. In Nóvoa, António (Org). Vida de Professores. Portugal: Porto, 2001.
- O BURACO BRANCO NO TEMPO: Direção de Ricardo M. Rosa; Luiz Gonzaga Mota. Brasília: Estação Ciência/ Fundação Banco do Brasil/FINEP. VHS, son., color.s/d.
- SWIMME, Brian. **O Universo é um Dragão Verde** – Uma História Cósmica da Criação. Tradução de Rubens Rusche. São Paulo: Cultrix, 1991.

# ANEXOS

# O PORTA-FÓLIO COMO REFLEXÃO DA PRÓPRIA APRENDIZAGEM UM CONTRIBUIÇÃO PARA O PIE

Ivanil Amaro de Araújo – Unb\*

## Retomar do a utopia

O PIE vem, desde sua concepção, constituindo-se em uma inovação pedagógica e política na formação de professores. Apesar de termos chegado – monitores e coordenadores de monitores – e encontrado muito feito, pensado e concebido não nos sentimos executores de uma proposta, mas sim participantes e colaboradores do pensar, do fazer, do 'por fazer' e o do 'por pensar'. Assim, quero lançar algumas idéias sobre a perspectiva de avaliação que estamos construindo. Este texto é um convite ao debate fraterno, sério e comprometido com as mudanças políticas, pedagógicas e sociais.

O currículo do PIE estrutura-se em Eixos Integradores, Eixo Transversal e Áreas/Dimensões. Essa estruturação considera que os saberes construídos de maneira disciplinar alteram as estruturas escolares e, consequentemente, a sua função social. Assim, a organização curricular do PIE, de acordo com o documento "Curso de Pedagogia para professores em exercício no início de escolarização (PIE)" - p. 26, apresentado no início do nosso curso de especialização, propicia a promoção do acesso do educando aos diversos referenciais de leitura de mundo, possibilitando-lhe uma maior diversidade de vivências, relações e integrações, além de possibilitar o construir e o reconstruir de saberes. O documento aponta, também, para a perspectiva de se

*"...romper com as formas racionalistas e fragmentárias de tratar o conhecimento. Conduz-nos a compreendê-lo como uma cadeia global, complexa e interligada de informações, que por meio das múltiplas linguagens – imagéticas, verbais, não verbais, musicais, plásticas, entre outras – promove a interação entre os sujeitos do processo educativo."*

O PIE, portanto, é uma grandiosa possibilidade de se romper com o paradigma da racionalidade técnica. Diante disso, a organização curricular apontada impõe-nos um grandioso desafio: *romper com a avaliação estanque, fragmentária, racionalista, classificatória*. Mas, como construir um novo paradigma avaliativo?

O nosso objetivo está claro: não queremos estacionar no paradigma da visão cientificista hermética e que trata sujeitos como objetos. Queremos formar professores dentro de uma outra visão de educação. Segundo Hoffmann (2000, p.11), as idéias acerca de fracasso e sucesso sempre soaram como perigosas invenções da escola. Uma construção adequada para o modelo de sociedade neoliberal em que os fracassados devem compreender que eles são os responsáveis pelos próprios fracassos. São inúmeras as histórias de fracasso na escola, e isso representa uma prática avaliativa que desconsidera os processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, jovens e adultos. Isso demonstra, ainda, uma prática avaliativa inflexível e autoritária que reina em nossas escolas e universidades.

Em um curso de formação de professores é fundamental que se pense uma forma nova de se avaliar. Historicamente, os professores acabam aprendendo, ressignificando e incorporando práticas que ele vivencia em sua formação. Se ele vivencia uma prática

autoritária, é possível que ele implemente, também, uma avaliação autoritária. Hoffman mostra-nos o perigo de tal prática:

*"O que se pode dizer é que todo o educador precisa dar-se conta de que é seriamente comprometido com o juízo de valor emitido sobre o educando. Seu olhar estreita-se perigosamente ao considerar o processo avaliativo como uma ação objetiva e imparcial, puramente constatativa sobre o fazer do aluno, como um coleto de dados observáveis. Ao estabelecer um juízo de valor sobre o que observa, o professor interpreta o que vê a partir de suas experiências de vida, sentimentos e teorias."*

Devemos ter um cuidado redobrado em relação ao processo avaliativo dos professores-cursistas do PIE. É importante que pensemos em formas criativas, alternativas, de superar o sistema produto/nota, produto/menção.

Com estas reflexões, um tanto jogadas, gostaria de instigar a todos a conhecer o porta-fólio: em uma forma que pode colaborar para uma avaliação mais diferenciada.

## **Porta-fólio: uma alternativa à avaliação quantificadora.**

O Porta-fólio<sup>1</sup> é uma modalidade de avaliação que foi inspirada nas artes. Na educação, não é a primeira vez que há uma relação com o campo artístico mediante a apropriação e o uso de metáforas e analogias que são extremamente importantes para se concretizar uma nova postura na avaliação. A avaliação tradicional *indica* sustenta-se na quantificação do que o aluno *aprende* e do quantitativo do que o aluno não *"aprende"*. Em relação a esse tema, a avaliação, há uma grande possibilidade de a educação servir-se desse procedimento que é muito difundido no campo das artes.

No campo da arte, o porta-fólio, enquanto procedimento de avaliação, possuía como finalidade a possibilidade de

*"...reeducar a capacidade de percepção, compreensão e valorização daqueles que participam dos programas ou experiências educativas, oferecendo-lhes um retrato vivo e profundo das situações e processos que definem o desenvolvimento dos programas e dos intercâmbios intencionais e significativos entre os participantes. (Pérez Gómez, 1983, p. 440)"*

O porta-fólio é um procedimento de avaliação que busca perceber todo o processo de construção da aprendizagem do professor-cursista. Ele deve construir a sua autonomia quando faz escolhas próprias e avalia cotidianamente o próprio desenvolvimento. O porta-fólio contribui para que o monitor possa, também, lançar olhares mais amplos sobre os processos de cada um. Assim, há grandiosas possibilidades de avaliar o professor-cursista constantemente e com maior segurança. Ao analisar as produções dele, as atividades desenvolvidas em sua própria sala de aula, o monitor consegue vislumbrar os caminhos que foram percorridos. Essas produções devem ser reunidas de forma criativa.

<sup>1</sup> Forma portuguesa de 'portfólio'. Termo utilizado pela prof. Denigna Maria de Freitas Villas Boas (UnB).

Segundo Hernández (2000, p. 165), o porta-fólio é uma forma inovadora de se avaliar o desenvolvimento global do estudante. Gardner (1994, p. 83-84) mostra-nos as conexões que existem entre os porta-fólios com os trabalhos artísticos:

‘Na vida cotidiana, são os artistas, interessados em ingressar numa escola, ou em competir para obter um prêmio ou uma exposição numa galeria, que montam as pastas (portfólios) com maior frequência. Constituídas assim, são coleções dos produtos acabados. Em troca, nossas pastas (portfólios) estão deliberadamente pensadas para serem lembranças de ‘obras em processo’.

## Organização do Porta-fólio

Depois dessa introdução, abordaremos, de modo mais didático, não entendendo como um receituário, mas como orientações, os aspectos que devem ser observados na organização do porta-fólio.

### 1. O que é o porta-fólio?

É um procedimento que compreende a organização de todos os trabalhos realizados pelo estudante, durante o semestre. É um conjunto de registros que são realizados todos os dias. Ele constitui-se de: anotações pessoais, relatos de experiências, artigos de revistas, reportagens, trabalhos analisados pelo monitor/coordenador/colegas e refeitos, fichas de leitura, relatórios de observação, resenhas críticas, resumos de livros, resumos de textos, avaliações escritas (refeitas), desenhos, fotografias etc.

O porta-fólio comporta duas partes importantes: o *memorial descritivo* e o *diário reflexivo*.

#### 1.1.) Memorial Descritivo:

##### É o relato da sua história de vida:

(...) Não deve ser vista como uma terapia, mas como um regate de aspectos que mostram a pessoa que sou, e por que sou. Além disso, pode servir como uma reflexão para buscar construir ‘o que serei’. Procure focalizar, além do lado pessoal, a história de aprendizagem, de formação).

Comece a contar um pouco da sua história, demarcando aspectos relevantes, momentos marcantes da sua vida pessoal e da vida profissional: mostrar o porquê e o quando da decisão pelo magistério, buscar ilustrar a história de vida com fotos, desenhos, poemas que relacionem-se com você, poemas que tenha escrito na adolescência ou em outro momento de sua vida, músicas que representem muito para você, pensamentos que admira, referências familiares, referências aos seus gostos, às suas preferências, referências ao que te desagrada, identificações, simpatias, antipatias. Ponha os seus momentos de aprendizagem, como aprendeu, com quem aprendeu. Focalize os seus momentos na escola e fora dela. Mostre momentos felizes no seu processo de aprendizagem. Mostre momentos tristes na sua aprendizagem, na sua formação. O que marcou você positivamente? O que marcou você negativamente? Que reações você teve? Como procurou superar as dificuldades? Como era a sua escola? O que mais chamava a sua atenção na escola? Sua escola caracterizava-se como democrática, autoritária, disciplinadora? Como você via os seus (suas) professores (as)? Eram rígidos? Autoritários? Afetuosos? Democráticos? Fale um pouco sobre o/a professor/a que mais marcou você? Você se inspirou em algum deles/as

na escolha da profissão? E agora? Como você se vê como professor? Você se vê como um profissional? Quais as grandes desvantagens da profissão? Quais as maiores vantagens? Escreva outras experiências que julgar necessário.

### 1.2.) Diário Reflexivo:

O porta-fólio deve conter um *Diário Reflexivo*. Este diário não é uma produção à parte. É construção dentro do próprio porta-fólio. O Diário Reflexivo caracteriza-se pela anotação diária, constante das experiências vividas no decorrer do semestre. Na produção do Diário Reflexivo, o professor-cursista deve fazer anotações e comentários acerca de cada encontro (CRIE, sala de aula, encontros centralizados, na escola, na sua sala de aula etc.) Essas anotações e comentários devem retratar: sentimentos, percepções, alegrias, indagações, frustrações, conjecturas, expectativas, aquisição de conhecimentos, avaliações durante todo o semestre.

O *Diário Reflexivo* deve conter:

- as opiniões dos professores-cursistas sobre o alcance das suas experiências (quando iniciou o curso) e sobre o curso como um todo, inclusive comentando quais foram as principais mudanças ocorridas na sua prática pedagógica;
- descrição diária e gradual de cada uma das atividades desenvolvidas no curso;
- reflexões do professor-cursista relacionando os conhecimentos adquiridos à prática pedagógica na escola;
- trabalhos realizados no decorrer do semestre e trabalhos correlatos desenvolvidos em outras áreas, estabelecendo os devidos vínculos;
- leituras suplementares acompanhadas de comentários críticos que estabelecem vínculos com os objetivos do módulo. Ex. outros textos, matérias de jornal etc.;
- referências diversas: um filme visto na TV ou no cinema, fotografias, pensamentos, provérbios, desenhos, caricaturas, histórias em quadrinhos, tiras de jornais, letra de música, livros lidos no passado ou atualmente – todo o tipo de material que o autor do porta-fólio considerar pertinente, relacionado ao módulo I;
- artigos de jornais, livros relacionados aos temas abordados no módulo. Sempre acompanhados de um comentário sobre o artigo.

O porta-fólio deve conter, ainda, uma 'conclusão provisória', tendo em vista de que esse é apenas o início de uma longa jornada. A conclusão deve ser retratada em um texto de, mais ou menos, três páginas. Procure dar algumas respostas às seguintes perguntas:

- Como percebi meu desenvolvimento?
- Com inicii esse curso?
- Quais eram as minhas expectativas? Foram atendidas? Em que proporção?
- De que modo a produção desse porta-fólio contribuiu para a minha formação? As atividades, leituras, discussões provocaram que tipo de mudanças na minha prática pedagógica cotidiana?
- Em quê avancei? Como foi o meu caminhar? De que modo os encontros nos CRIE's contribuíram para o meu desenvolvimento? De que modo os encontros centralizados contribuíram para a minha aprendizagem e desenvolvimento?

- Como me sentia antes? E agora, como me sinto? Quais foram as grandes dificuldades? O que fiz para superar essas dificuldades? Sou uma pessoa diferente do que aquela que iniciou o curso em março/2001? Em que aspectos sinto-me diferente? Que metas estarei projetando para a minha formação no próximo módulo? O que preciso melhorar? Que estratégias utilizarei para superar os obstáculos?

## 2) Objetivos do Porta-Fólio:

- a). Buscar a superação de modelos avaliativos quantificadores, tradicionais;
- b). Desenvolver a capacidade de o professor-cursista refletir, criticamente, sobre o seu próprio processo de formação;
- c). Desenvolver a capacidade de o professor-cursista avaliar o seu próprio processo de desenvolvimento e aprendizagem, assumindo-se como sujeito deste processo;
- d). Fornecer a monitor, aos coordenadores de monitoria e à coordenação geral informações descritivas sobre os processos de desenvolvimento da formação dos professores-cursistas;
- e). Fornecer a todo o processo avaliativo uma visão mais ampla das vivências, das experiências e das produções realizadas por todos os envolvidos no processo de formação de professores.

## 3) Características do Porta-Fólio:

- a). O porta-fólio fornece informações sobre a qualidade da produção teórica e prática dos professores-cursistas relacionada ao desenvolvimento do módulo.
- b). O porta-fólio oportuniza uma reflexão crítica do fazer pedagógico. Tanto o professor-cursista como o monitor podem avaliar o desenvolvimento dos temas apresentados no módulo.
- c). A avaliação sai das mãos daquele que detém o poder para avaliar. A avaliação passa a ser um processo de compartilhamento de sensações, impressões, conhecimentos etc.
- d). O professor-cursista aprende a revisar as suas produções de modo mais crítico, mais profundo. O professor-cursista percebe que pode sempre aprofundar mais um determinado tema que estudou.
- e). O professor-cursista aprende a ser mais autônomo. Aprende a tomar decisões. Toma-se mais ativo na produção de seus saberes, de suas práticas.
- f). O porta-fólio pode fornecer informações que ultrapassam o espaço/tempo do mero aprender teórico. Ele pode fornecer informações que, nem sempre, percebemos em situações tradicionais de avaliação.
- g). O porta-fólio encoraja o professor-cursista a arquivar toda a sua produção.
- h). Trata-se de uma forma diferenciada de avaliar. Foge aos padrões tradicionais, pois os monitores e professores-cursistas decidem conjuntamente os próximos passos e caminhos.

## 4) Critérios utilizados na análise dos Porta-Fólios:

O professor-cursista deverá demonstrar, em todo o processo de elaboração do porta-fólio, as capacidades de:

- a). expressar, por escrito, idéias de modo claro, coerente, objetivo.



- b). estabelecer relações entre a prática pedagógica e a teoria nos diversos fascículos do módulo, ou seja, o professor-cursista deve ser capaz de perceber a práxis no seu processo formativo;
- c). estabelecer analogias, relações de causa-consequência, comparação, de complementaridade entre a práxis e outros textos (jornalísticos, científicos, didáticos, técnicos, imagéticos, publicitários etc.);
- d). integrar os diversos assuntos, as áreas/dimensões, o eixo integrador "rea de brasileira" ao Eixo Transversal: Educação, Letramento e cidadania;
- e). organizar, *criativamente*, o porta-fólio;
- f). refletir, criticamente, sobre o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento acadêmico;
- g). relacionar outras linguagens, outras produções aos assuntos tratados no módulo;
- h). registrar todos os momentos vivenciados no curso (encontros regionalizados, encontros centralizados, atividades na própria escola etc.);
- i). relatar trabalhos, demonstrando uma constante reflexão sobre a própria produção.

## Palavras de encorajamento

É difícil mudar posturas cristalizadas. Acredito que fazer uma avaliação diferenciada é um grande desafio colocado para todos nós educadores que sonhamos com uma educação diferente. Sabemos que não é fácil alterar os modos tradicionais de avaliação. Porém, devemos arriscar, ousar uma nova prática avaliativa. O porta-fólio não é um fim em si mesmo. Talvez não seja, ainda, a melhor forma de avaliar de modo diferenciado. Mas, com certeza, é uma inovadora maneira de ver o outro. É uma maneira nova de olhar para si mesmo. É um jeito novo de lançar olhares mais atento para os nossos processos de aprendizagem e de desenvolvimento.

Em experiências que tive, observei que os alunos sempre estabelecem uma relação muito 'íntima' com a sua produção. Não deixam, de maneira alguma, os seus porta-fólios. Os porta-fólios transformam-se em memória viva de cada um deles. Os porta-fólios são verdadeiros símbolos de uma parte da vida de cada um de seus autores. Eles não abrem mão da própria história e, por isso mesmo, são sujeitos históricos de mudança. São transformadores da própria vida e da vida dos outros.

## Bibliografia:

- PÉREZ GOMEZ, A. Modelos contemporâneos de evaluación. En: GIMENO, J. & PÉREZ, A. (Eds.) *La Enseñanza: su teoría y su práctica*. Madrid, Akal, 1983.
- HERNÁNDEZ, Fernar. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Artmed, Porto Alegre, 2000.
- HOFFMANN, Jussara. *Pontos & contrapontos – do pensar ao agir em avaliação*. Editora Mediação, Porto Alegre, 2000.

## Características do trabalho pedagógico em minha escola

Após ler o texto (p. 11, seção 2, vol. 1, módulo 1, organização do Trabalho Pedagógico), cujo objetivo é analisar o trabalho escolar, entre eles o pedagógico, pude fazer a seguinte relação com o trabalho desenvolvido em minha escola, onde as questões maiores como projetos coletivos e temas geradores são discutidos em reuniões bimestrais, com todos os professores da escola, onde são extraídos temas para serem desenvolvidos em todas as séries, na qual serão definidos os pontos de partida para o desenvolvimento do tema em sala de aula.

Na minha turma, particularmente, tenho procurado não só levar projetos aos alunos, mas incentiva-los a produzirem seus próprios projetos, a partir do tema que estamos estudando. Por exemplo, no primeiro bimestre, onde o tema gerador foi saúde, ao realizarmos atividade de recorte em jornal, procurando reportagens sobre água, surgiu a idéia de montar-se um telejornal na sala de aula, onde cada grupo apresentaria um tipo de notícia: policial, política, mundo, esportes, cidade, agenda.

Quando participamos da aula de matemática usando o corpo, cada um quis sugerir uma brincadeira para ser feita ao final de cada aula. Após abordarmos o tema língua materna, o qual finalizou com a apresentação de uma peça teatral com uma história do Chico Bento, os alunos começaram a perguntar, quando poderiam “preparar” outra peça. E assim vamos construindo juntos o conhecimento.

De modo geral, o trabalho pedagógico em minha escola, tem-se separado em concepção e execução. E isso acontece da maneira citada anteriormente, com reuniões, nas quais são sugeridos temas ou formas de trabalhos, pela direção, (que parece não levar em consideração a realidade do aluno), isso muitas vezes torna a execução de um projeto, inviável. Mas quando a sugestão parte dos professores e alunos, a realização de atividade pedagógica é muito produtiva. Por exemplo, um projeto sugerido pela direção para trabalharmos com oficinas, onde cada oficina teria uma palestra com assuntos de interesse dos alunos. Os professores preferiram montar oficinas com pintura, desenhos, massinhas, recorte, colagem, contar histórias, etc. o que despertou o interesse dos alunos, fazendo com que participassem em massa.

Um outro projeto colocado em prática pelos professores, que no papel seria um grande projeto: “Esportes”, inviabilizado por falta de recursos materiais, foi aplicado o que poderia ser feito na prática: um campeonato de futsal.

A maneira de superar a distância entre a teoria e a prática é elaborando menos utópicos, encarando a realidade física e financeiramente da escola e de preferência com temas sugeridos pelos alunos.

Escola Classe 1

Data 18/05/2005 Aluno

Faça uma redação

Se eu fosse professor(a)...

Se eu fosse professor, eu não  
teria paciência de falar uma  
coisa muitas vezes, eu acho que  
para mulher  
e não para homens, porque  
os homens não têm mais  
fôlego mais que a mulher, a mulher  
quando se acostuma com  
uma profissão é muito difícil  
bargar mais se eu fosse  
um professor, eu sei que é  
umas das pessoas mais importan-  
tes do mundo inteiro, por que  
se não fossem os professores  
como que estaria outros  
professores, presintentes médicos, etc.  
As vezes, eu fico pensando  
um professor passa um ano  
todo trabalhando todos os dias falando  
as mesmas coisas, aí qua-  
ndo chega o final do mês, aí  
não tem dinheiro para pagar  
os professores.

Se um dia aparecer uma  
oportunidade para ser um